



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE CULTURA NA AMAZÔNIA

MARIA ALANA RODRIGUES JULIÃO

**FEIRA MANAUS MODERNA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E REDES DE
INTERDEPENDÊNCIA**

Manaus- AM

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE CULTURA NA AMAZÔNIA

MARIA ALANA RODRIGUES JULIÃO

**FEIRA MANAUS MODERNA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E REDES DE
INTERDEPENDÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada a Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade Cultura na Amazônia. PPGSCA/UFAM, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, na linha de Processos Sociais, Ambientais e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. João Bosco Ladislau de Andrade.

Manaus- AM

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

J94f Julião, Maria Alana Rodrigues
Feira Manaus Moderna : identidade, memória e redes de
interdependência / Maria Alana Rodrigues Julião . 2019
104 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: João Bosco Ladislau de Andrade
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Feiras. 2. Manaus Moderna. 3. Amazônia. 4. Interdependência.
I. Andrade, João Bosco Ladislau de. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

MARIA ALANA RODRIGUES JULIÃO

**FEIRA MANAUS MODERNA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E REDES DE
INTERDEPENDÊNCIA**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de Mestra no Programa de Pós-graduação Sociedade Cultura na Amazônia, linha de pesquisa III, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Aprovada em:10/12/ 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Bosco Ladislau Andrade – Presidente
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Gláucio Campos G. de Matos
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Raimundo Pereira Pontes Filho
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Manaus- AM

2019

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada à minha mãe Benedita Julião Rodrigues e minha irmã Maria do Socorro Silva de Lima, por me ensinarem com sabedoria a persistir perante as diversidades da vida, buscar sempre a vitória e fé em Deus para superação dos momentos de difíceis durante ao longo da minha trajetória de vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus na sua infinita bondade, que sempre me protegeu nos momentos mais difíceis. À Nossa Senhora, que incondicionalmente manifesta seu amor ao dar-me sabedoria nos momentos de angústia e dor.

Ao meu Orientador, Professor Dr. João Bosco Ladislau Andrade. Nesta trajetória, tive a honra de conhecer não somente o grande pesquisador, poeta e artista em suas multífaces que ele representa. Nele, reconheci principalmente um ser humano, amigo e mentor. À ele, minha eterna gratidão pelo conhecimento compartilhado e pelos incontáveis cafés regados por longas conversas sobre esta pesquisa.

Ao professor Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos, que no início do Mestrado ajudou-me a despertar a linha sociológica do pensador Norbert Elias e que desenhou esse estudo possibilitando que esta caminhada fosse mais construtiva e agradável.

Ao Professor Dr. Raimundo Pereira Pontes Filho, pelo novo olhar que proporcionou para este estudo, com contribuições importantíssimas acerca da logospirataria, me possibilitando novas aberturas a este campo de pesquisa ao qual pretendo debruçar-me um futuro próximo, durante a pesquisa de Doutorado.

À minha família, em nome da minha mãe, Benedita Julião Rodrigues e minha irmã, Maria do Socorro Silva de Lima. Duas mulheres guerreiras que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica, sempre me incentivando a estudar e a lutar pelos meus ideais para realização dos meus sonhos.

Ao meu querido pai, Aluísio Julião da Silva *in memoriam*, pelo pouco tempo de convívio. Obrigada por ter me dado uma família simples que soube acolher-me com muito amor e sabedoria.

Aos Meus sobrinhos-netos, Aluísio Ricardo de Lima Castilho e Laura Serrão de Lima. Nos momentos de angústia e solidão me refugio nos braços deles para sentir a alegria da inocência e do amor que transborda quando estamos juntos.

À minha segunda família, especialmente em nome de Lidiane Inácio da Silva e Ednelza Freitas da Silva pelos momentos de apoio e suporte nas dificuldades enfrentadas no decorrer desses últimos anos. Se pudesse resumir esses momentos em uma palavra, ela certamente seria “superação”. Num lar onde existe amor, nada é impossível.

À Professora Dra. Joyce Karoline Pontes, um anjo que a vida me trouxe no início do Mestrado em Sociedade Cultura na Amazônia. Com suas orientações consegui atender às expectativas do programa e aqui estou finalizando uma das mais importantes etapas profissionais da minha vida acadêmica.

Às minhas queridas colegas de Mestrado, Gisele Bahia Lins, Delta Paula Melo e Tássia Patrícia Silva do Nascimento, pela paciência que tiveram comigo neste decorrer desta pesquisa, pela compaixão e sensibilidade que tiveram com o tratamento de minhas urgências acadêmicas no tocante à aprovação do Comitê de Ética e demais adversidades. Vocês conquistaram um espaço no meu coração de admiração e gratidão eterna.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, representado pela pessoa ilustre da coordenadora Professora Dra. Iraildes Caldas Torres, assim como aos demais professores do programa e colaboradores da secretaria, pela prestatividade, simpatia e contribuição de forma significativa para a construção do conhecimento adquirido até o presente momento.

A FEIRA

O Rappa

É dia de feira
Quarta-feira, sexta feira
Não importa a feira
É dia de feira
Quem quiser pode chegar
Vem maluco, vem madame
Vem Maurício, vem atriz
Pra comprar comigo
Vem maluco, vem madame
Vem Maurício, vem atriz
Pra levar comigo
Tô vendendo ervas
Que curam e acalmam
Tô vendendo ervas
Que aliviam e temperam
Mas eu não sou autorizado
Quando o rappa chega
Eu quase...

RESUMO

A Feira Municipal Cel. Jorge Teixeira, conhecida popularmente como “Feira da Manaus Moderna”, existe desde meados de 1970, quando se tornou parte constituinte da história do Amazonas em meio à tantas decisões político-sociais. Consolidada na década 1990 como a feira mais importante de Manaus, a Feira Manaus Moderna tem importante papel de abastecimento na cidade e vem se resignificando com a modernização deste mercado. A expansão desenfreada dos supermercados atacadistas é um fenômeno que põe a prova a sobrevivência das feiras. Para Forman (1979), o modelo de feira é econômica e socialmente viável, mas tende a ser compelido pelo mundo contemporâneo. Os problemas estruturais, sanitários e de segurança, que estão relacionados ao poder público, ameaçam a continuidade das feiras. A complexidade sociocultural no contexto da Feira Manaus Moderna, envolve trabalhadores que mantém e colaboram para a cultura amazônica, suas particularidades, sua memória e para as redes de interdependência, porém, sem ter conhecimento da importância dela. Por que esse modelo de feira de abastecimento ainda resiste? Qual a contribuição da Feira Manaus Moderna para o desenvolvimento sociocultural e econômico do Amazonas? De que forma se dão as relações de poder entre os trabalhadores? Quais as perspectivas dos trabalhadores em relação ao futuro na Feira Manaus Moderna? Quais tradições e costumes locais são identificadas? Como os trabalhadores as resignificam? Esta pesquisa de dissertação propõe Identificar os processos socioculturais e econômicos na Feira Manaus Moderna e sua contribuição para o Amazonas, no tocante à identidade, memória e redes de interdependência existentes no local, tendo em vista a gastronomia, a variedade de gêneros alimentícios e as relações de poder, no tocante à identidade, memória e tradição do local em relação à sociedade.

Palavras-chave: Feiras; Manaus Moderna; Amazônia; Interdependência.

ABSTRACT

The Municipal Fair Cel. Jorge Teixeira, popularly known as the “Modern Manaus Fair”, has existed since the mid-1970s, when it became a constituent part of the history of Amazonas amid so many political and social decisions. Consolidated in the 1990s as the most important fair in Manaus, the Manaus Modern Fair has an important supply role in the city and has been resignifying with the modernization of this market. The unbridled expansion of wholesale supermarkets is a phenomenon that proves the survival of fairs. For Forman (1979), the fair model is economically and socially viable, but tends to be compelled by the contemporary world. Structural, health and safety problems, which are related to the government, threaten the continuity of fairs. Sociocultural complexity in the context of the Modern Manaus Fair involves workers who maintain and collaborate for the Amazonian culture, its particularities, its memory and for the networks of interdependence, but without being aware of its importance. Why does this supply fair model still stand? What is the contribution of the Modern Manaus Fair to the socio-cultural and economic development of the Amazon? How are power relations between workers? What are the workers' perspectives on the future at the Manaus Modern Fair? What local traditions and customs are identified? How do workers reframe them? This dissertation research proposes to identify the socio-cultural and economic processes at the Manaus Moderna Fair and their contribution to Amazonas, regarding the identity, memory and interdependent networks existing in the place, considering the gastronomy, the variety of foodstuffs and the relationships. of power, regarding the identity, memory and tradition of the place in relation to society.

Keywords: Fairs; Modern Manaus; Amazon; Interdependence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Lixo no rio em frente a feira Manaus Moderna.....	35
Figura 2- Feira à margem da praia do Mercado Municipal, meados da década de 60.....	40
Figura 3-Orla do porto da Manaus Moderna em 2018.....	41
Figura 4- Venda de pescado no porto da Manaus Moderna	42
Figura 5- Moradores de rua e trabalhadores dormindo em frente a feira Manaus Moderna.....	45
Figura 6- Venda de peixe frito no almoço na feira Manaus Moderna	47
Figura 7- Setor de venda de peixes na feira Manaus Moderna	52
Figura 8- Carregador na feira Manaus Moderna.....	56
Figura 9- Carregadores na feira Manaus Moderna	57
Figura 10- Os vendedores informais da feira Manaus Moderna.....	59
Figura 11- Sujeitos que compõem a rede de interdependência funcional da feira Manaus Moderna.....	64
Figura 12-Mapa de geolocalização da feira Manaus Moderna e adjacências	66

LISTA DE TABELA

Tabela 1 quais são os seus principais fornecedores ou parceiros? De qual local eles são?	76
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Sexo	69
Gráfico 2- Faixa Etária Dos Feirantes.....	70
Gráfico 3- Estado Civil	71
Gráfico 4- Escolaridade dos Feirantes	71
Gráfico 5- Se você é de Outra Cidade?	72
Gráfico 6- O Motivo da Migração para Manaus	73
Gráfico 7- Há quanto tempo o feirante trabalha na Feira Manaus Moderna.....	74
Gráfico 8- O Motivo levou o Feirante a trabalhar na Feira Manaus Moderna.....	75
Gráfico 9-Quem são os Clientes?.....	75
Gráfico 10-Dificuldade estruturais enfrentadas pelos feirantes	77
Gráfico 11- Como os feirantes consideram os ganhos na Feira?	78
Gráfico 12- Como você conheceu a feira Manaus Moderna.....	80
Gráfico 13- Há quanto tempo você faz compras na Feira Manaus Moderna?	80
Gráfico 14- O que leva você comprar na Feira Manaus Moderna?	81
Gráfico 15- Você compra produtos na Feira Manaus Moderna para qual finalidade?	82
Gráfico 16-O que a feira Manaus Moderna pode melhorar para o seu melhor atendimento?	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DENATRAN	Departamento Nacional de Trânsito.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PROSAMIM	Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus
SEMACC	Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento, Centro e Comércio Informal).
SSP-AM	Secretaria de segurança Pública do Estado do Amazonas.
SUFRAMA	Superintendência da Zona Franca de Manaus
UFAM	Universidade Federal do Amazonas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS.....	9
LISTA DE TABELA	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	12
INTRODUÇÃO	17
SEÇÃO I - FEIRAS: CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E CULTURAIS	26
1.1 Origem e Definição	26
1.2 O desenvolvimento das feiras no Brasil.....	29
1.3 O Espaço da Feira: Características e Funcionalidades	30
1.4 A cultura do lixo na feira.....	33
1.5. O Capital Cultural e a Memória Coletiva como transformadores da feira Manaus Moderna	36
1.6 A Feira e a inclusão social.....	43
1.7 A Gastronomia Híbrida na Feira Manaus Moderna	46
1.8 Cultura e Trabalho na Feira Manaus Moderna: As redes de Interdependência na Amazônia	48
1.9 Quem são os trabalhadores da Feira Manaus Moderna?	51
SEÇÃO II – TRABALHADORES E CONSUMIDORES: A FACE DA FEIRA MANAUS MODERNA.....	54
2.1 Categorização dos Trabalhadores.....	54
2.2 Carreteiros	54

2.3 Carregadores.....	55
2.4. Feirantes	57
2.5 Vendedores informais	58
2.6 Consumidor (clientes): A Força do Hibridismo na Feira	59
2.7 Os Atores sociais da feira Manaus Moderna como Integrantes de uma Rede de Interdependência Funcional	62
2.8. O Conhecimento compartilhado e o Etnoconhecimento	64
2.9 Impacto sobre a Vizinhaça	65
SESSÃO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	69
3.1. Feirantes	69
3.1.1 Levantamento sociológico do Feirante	69
3.1.2 Levantamento de questões específicas de campo	74
3.2 Consumidores.....	79
3.2.1 Levantamento sociológico dos consumidores	79
3.2.2 Levantamento de questões específicas de campo do consumidor	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICES.....	96
APÊNDICE A: Aprovação do comitê de ética	97
APÊNDICE B: Roteiro de Observação	99
APÊNDICE C: Formulário de entrevista – Feirante	100
APÊNDICE D: Formulário de entrevista – Consumidor	102
<u>APÊNDICE E: Termo de Livre Esclarecimento- TCLE</u>	<u>104</u>

INTRODUÇÃO

A expansão desenfreada dos supermercados atacadistas é um fenômeno que põe a prova a sobrevivência das feiras. Para Forman (1979), o modelo de feira é econômica e socialmente viável, mas tende a ser compelido pelo mundo contemporâneo. Os problemas estruturais, sanitários e de segurança, que estão relacionados ao poder público, ameaçam a continuidade das feiras. A complexidade sociocultural no contexto da Feira Manaus Moderna, envolve trabalhadores que mantém e colaboram para a cultura amazônica, suas particularidades, sua memória e para as redes de interdependência que formam entre todos os atores sociais que se encontram e interagem naquele espaço social, porém, sem ter conhecimento da importância dessas interações.

Esse modelo de feira de abastecimento resiste ao tempo exercendo protagonismo no desenvolvimento sociocultural e econômico do Amazonas, onde se desenlaça diversas relações de poder, reflexo das tradições e costumes do povo Amazonense, compartilhadas entre os sujeitos que convivem e frequentam esse espaço: do trabalhador formal chamado permissionário, (concessão do poder público) ao vendedor ambulante que luta por um espaço para vender seus produtos., do consumidor oriundo de todas as classe sociais do Estado, aos turistas que buscam além de experiência gastronômica, conhecer um pouco da cultura local.

Ao resistir ao construto social chamado tempo, a Feira Manaus Moderna é considerada uma das principais autoras do processo de conservação da cultura Amazonense, o ato de “fazer feira” é um ato de disseminação de cultura, o termo “feira” vem do latim “feria” que significa: “dia de descanso”, teve início em 563 D.C, após um concílio da Igreja Católica na cidade portuguesa de Braga – em Portugal, usa-se “feira” somente nos dias úteis, posto que a ordem do Bispo de Portugal somente era válida para os dias da semana santa, que antecedia o domingo de pascoa na religião cristã, quando o cristão descansaria, tempos mais tarde foi adotada para o ano inteiro, exceções foi o sábado e domingo. (MOTT,2000).

Faz sentido, que o ato de “fazer feira” se torne um descanso das tensões do dia a dia pelo prazer da experiência, basta observar o frenético vai e vem das famílias a disputar o melhor produto pelo menor preço, a busca pelo pescado fresco as primeiras horas da manhã, quando os barcos atracam, desembarcam e abastecem a Feira da Manaus

Moderna, demonstrando a efervescência cultural daquele espaço, como diz a letra da canção que emoldura esse estudo,” é dia de feira, quarta-feira, sexta-feira, não importa a feira... vem maluco, vem madame, vem Mauricio, vem atriz...tô vendendo ervas que aliviam e temperam”(O Rappa/1996) é nesse cenário que se desenvolve as relações de poder e redes de interdependências (Elias, 2008).

O objetivo Geral desse estudo é Identificar os processos socioculturais e econômicos na Feira Manaus Moderna e sua contribuição para o Amazonas, no tocante à identidade, memória e redes de interdependência existentes no local, tendo como específicos: Esclarecer a contribuição da Feira Manaus Moderna para o Amazonas em seu contexto sociocultural e econômico; Identificar os impactos ambientais e socioeconômicos da Feira Manaus Moderna em relação a sua vizinhança e revelar como se dão as relações de interdependência no contexto da Feira Manaus Moderna.

Por ser um ambiente que emana a cultura da Amazônia, a Feira Manaus Moderna faz jus a uma investigação que evidencie suas relações de interdependência de trabalho e poder. A compreensão dos processos culturais, identitários e tradicionais que envolvem os trabalhadores da Manaus Moderna em sua complexidade, são uma necessidade no campo das Ciências Humanas e Sociais no Amazonas.

Decerto, esta reflexão fundamenta a realização desta pesquisa em nível de Mestrado e a torna desafiante em relação ao seu campo epistemológico: a análise do conhecimento tradicional do homem amazônico e seu espaço de trabalho. O foco da investigação, no entanto, segmenta a classe e foca na categoria dos consumidores e trabalhadores da feira. Esses trabalhadores, conhecidos pelo senso comum por desenvolverem uma função necessária, estão inseridos em um contexto precário que envolve as feiras de abastecimento das grandes cidades, a informalidade e formalidade manauense. Harvey (2004) caracteriza esta função como algumas novas formas de sobrevivência para os desempregados ou pessoas totalmente vulneráveis.

São esses emergentes sociais, que mantem viva a cultura e a tradição de um povo no espaço complexo da feira. Por este motivo, torna-se relevante uma pesquisa de cunho acadêmico que tenha a finalidade de responder a alguns questionamentos, como a importância dos feirantes para a manutenção e ainda a presença da cultura no espaço das feiras, frente a tantos outros espaços socioeconômicos da mesma conjuntura.

Neste sentido, a contribuição desta pesquisa aos trabalhadores da Feira Manaus Moderna se dá pelo incentivo à permanência da existência das feiras do modo como conhecemos, como espaço físico sociocultural influenciador do desenvolvimento econômico do estado. Há, neste estudo, determinado alerta acerca das problemáticas da feira que, conseqüentemente, prejudicam o trabalho dos feirantes e dos trabalhadores em geral além de seu futuro na feira. Portanto, esta pesquisa beneficia o feirante ao pensar em um melhor local de trabalho para eles, em que o risco de instabilidade existencial não aconteça ou seja insignificante.

Ao abordar temas como o proposto nesta dissertação, pode-se ter efetiva colaboração para a realidade do objeto de estudo, com a sugestão de possíveis soluções para os problemas. Tem-se, então, o incentivo à cultura amazônica que a Feira Manaus Moderna representa à sociedade manauara e a representação dela como tal, com base no levantamento histórico, tradicional e identitário que comprovam sua importância. Além disso, esta pesquisa sugere uma reestruturação no modelo da Feira Manaus Moderna, tendo em vista o crescimento dos supermercados atacadistas (que tem fornecedores de outras regiões do país). Para isso, apresentam-se meios para que esta renovação se torne possível, baseada principalmente em princípios socioculturais e de identidade, os quais tem sustentado a feira ao longo dos anos.

No âmbito das ciências sociais, pode-se pensar inúmeras novas pesquisas desencadeadas deste tema. A Feira Manaus Moderna é um campo interdisciplinar, enquanto objeto de investigação científica, proporcionando robusto material para a realização de pesquisas sociais, onde é possível trabalhar a questão do descarte dos resíduos sólidos, bem como o caráter de inclusão social que a Feira adquire, ao absorver grande parte dos egressos do sistema prisional do Amazonas para seu quadro de trabalhadores. Ainda no campo dos recursos humanos, também temos a Feira como objeto passível de investigação científica no que diz respeito à quantidade crescente de imigrantes que vivem dela.

Busca-se ampliar a trajetória dessa Pesquisadora, desenvolvida durante a Pós-Graduação Lato Sensu, a qual teve como tema “A comunicação empresarial de um espaço varejista: Varejão das Frutas”. Posto isto, esta pesquisa contribuirá para os estudos socioculturais a partir da linha de Pesquisa 3 – Processos Sociais, Ambientais e Relações de Poder do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Em relação à metodológica empregada, trata-se de uma pesquisa de natureza básica, ou seja, que "não anuncia uma perspectiva de aplicação imediata" (PIRES, 1987, p. 505). Neste contexto, a pesquisa básica reúne estudos que têm a finalidade completar um conhecimento já existente, por isso, a mesma instiga a responsabilidade social do cientista (GIL, 2010). A pesquisa trata de uma perspectiva analítica para Identificar os processos socioculturais e econômicos na Feira Manaus Moderna e sua contribuição para o Amazonas, no tocante à identidade, memória e redes de interdependência existentes no local, o que não impede que os resultados desse estudo possam ser aplicados na prática futuramente.

Quanto à abordagem esta pesquisa se classifica em quali-quantitativa, segundo CHIZZOTTI (2003), a pesquisa de abordagem qualitativa implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

Para Bardin (2009) a pesquisa de abordagem quantitativa, funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem, obtendo dados descritivos através de um método estatístico (BARDIN, 2009). Reforça Bicudo (2006) que a abordagem quantitativa traz uma base do paradigma positivista, onde se destaca características consideráveis como a racionalidade, o método, a objetividade e definição de conceitos, com o objetivo suscetível a ser mensurável. Neste tipo de abordagem a pesquisa busca classificar e analisar através de números informações e opiniões coletadas em entrevistas.

A pesquisa quali-quantitativa, apresenta a combinação das duas abordagens (qualitativa e quantitativa). Faz uso de recursos e de técnicas estatísticas, assim como da metodologia de interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados aos dados, pois também prioriza o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.

A pesquisa de campo é quali-quantitativa dentro do estudo de caso conta com entrevistas semiestruturadas. Nesta fase, podemos utilizar vários instrumentos de coletas de dados. Na abordagem quali-quantitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados, não sendo quantificado os valores e as trocas simbólicas sem submeter à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se tem valor de diferentes abordagens. O pesquisador neste caso, mantém contato direto com o

ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. As questões são estudadas no ambiente em que se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. Não há prioridade em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém, estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados.

A pesquisa é de cunho descritivo. Este tipo de classificação descreve uma experiência, uma situação, um fenômeno ou processo em detalhes, onde se busca reunir e analisar muitas informações sobre o assunto pesquisado. Segundo GIL, (2008) as pesquisas descritivas têm como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno. A pesquisa descritiva tem como objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Esta metodologia visa descobrir a existência de associações entre variáveis do objeto de pesquisa.

Nesta pesquisa podemos utilizar vários instrumentos de coletas de dados. Para isso, serão adotadas as técnicas de Pesquisa Documental e Bibliográfica, entrevistas semiabertas e observação em campo. A metodologia delineia esta, como uma pesquisa bibliográfica e documental, (impressa e/ou eletrônica). Afinal, a ciência que já foi produzida e testada, denominada como ciência-disciplina, está disponível nos livros (FREIRE-MAIA, 1998).

A pesquisa será realizada em Manaus, no Amazonas. Haverá entrevistas com gestores e feirantes, que são envolvidos diretamente com o objeto de estudo. A instituição que compreende a pesquisa será especificamente: FEIRA CORONEL JORGE TEXEIRA (FEIRA MANAUS MODERNA).

A amostra será dividida em três técnicas de estudo. Será feito o estudo através da pesquisa bibliográfica, observação e entrevistas semiestruturadas.

Na primeira fase da pesquisa tem-se o levantamento bibliográfico para fundamentar o tema proposto e a problemática exposta, estabelece-se como entrevistados 50 trabalhadores (cinquenta feirantes) e 50 (cinquenta compradores ou clientes), pois leva-se em consideração que este tipo de pesquisa não deve se restringir ao alcance do número de entrevistados tão somente, e sim também primar pela qualidade dos relatos.

Quanto aos participantes e integrantes da pesquisa, são feirantes que constituem o ambiente e o entorno do espaço da Manaus Moderna, seja ele atuante na atividade comercial formal e informal, cadastrado ou não na SEMACC. Sendo assim, comporão a

amostra: os carregadores, feirantes, ambulantes que trabalham ao redor da feira, funcionários de comércios que se situam nos arredores da Feira Manaus Moderna, flanelinhas, vendedores de suco, refeições e quaisquer pessoas que constituem e contribuem para a atividade da Feira Manaus Moderna. Neste contexto faz parte também como membro integrante da pesquisa os compradores, ou seja, os clientes da feira Manaus Moderna.

Os critérios de inclusão da escolha dos sujeitos da pesquisa estão baseados nos atores sociais (e potenciais) inseridos no contexto do desenvolvimento sociocultural e econômico da Feira Manaus Moderna, dos quais interessam para contribuição na obtenção dos resultados, residentes na cidade de Manaus - AM, que aceitem participar da pesquisa e que assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE E).

Quanto as técnicas e procedimentos metodológicos, serão por meio da aplicação de formulários com perguntas abertas e fechadas aos trabalhadores e consumidores da Feira Manaus Moderna, sempre respeitando a livre escolha de participação de cada um, por meio dos seguintes procedimentos: conversas informais com os trabalhadores, consumidores e ao administrador da feira, entrevistas semiestruturadas com roteiros de perguntas direcionadas aos feirantes e consumidores, a observação e o registro fotográfico, além do levantamento bibliográfico e documental de modo a subsidiar a nossa compreensão a respeito do trabalho desenvolvido pelos trabalhadores da feira, (Lakatos e Marconi 2010).

A análise dos dados é uma das fases mais importantes da pesquisa, pois, a partir dela é que serão apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa. Essa conclusão poderá ser final ou apenas parcial, deixando margem para pesquisas posteriores (MARCONI e LAKATOS, 1996).

Ao analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é preciso superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é necessário penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Os dados quali-quantitativos coletados, resultantes das entrevistas com os feirantes, consumidores unidos à pesquisa bibliográfica, permitirão a realização da análise dos conteúdos de forma relacional e comparativa. Ou seja, será possível identificar elementos do processo sociocultural e econômico que envolve a Feira Manaus Moderna. Todos os

dados serão analisados à luz do referencial teórico com base nos conceitos sociais e econômicos, coerente com o meio físico e cultural em que se insere.

O referencial teórico dessa dissertação será ancorado no primeiro momento em autores que versam sobre trajetórias das feiras no Brasil, apesar de que a criação da primeira feira do Brasil não é datada pela história, D. João III em 1548 e D. Afonso IV em 1677, fizeram registros escritos que ordenavam a criação de feiras para interação entre portugueses e nativos (MOTT, 2000). O crescimento da economia da então colônia, ocasionou um aumento expressivo do número de feiras.

Algumas das atividades desenvolvidas na feira eram de cunho comerciais, culturais e educacionais e denominavam a construção de territórios delimitados materialmente ou simbolicamente. Historicamente a feira é reconhecida como um espaço, um mundo de percepções, sentidos e interações, pelo qual as redes de educação, sociabilidades e culturas são formatadas por feirantes e clientes. As construções simbólicas inerentes à constituição de territórios fazem com que a feira, ao mesmo tempo, torne-se um território funcional e simbólico. Por este motivo as feiras exercem um domínio sobre o espaço, não somente para realizar “funções” como também para produzir “significados”.

Como nas sociedades tradicionais, o território, como as feiras exercem funções materiais responsáveis pelo sustento, mas, entretanto, por outro lado, pode ser identificado referências simbólicas fundamentais à manutenção da cultura local.

A atividade comercial que se desenvolveu, a beira-rio deu-se o início a Feira Manaus Moderna, onde se desenvolveu e cresceu através de uma lógica de apropriação e de uso do espaço ou território. Sua construção se deu de forma aleatória, de acordo com as necessidades ou interesse de quem chegava, sejam imigrantes advindos do interior ou de outros estados, responsáveis pela produção e manutenção dessa feira na cidade de Manaus. Dessa forma, se iniciou um processo civilizador ocidental (ELIAS, 1939), se tornando assim um centro de abastecimento que contribuiu para o desenvolvimento sociocultural e econômico existente do Amazonas.

Para os migrantes que vinham do interior do estado, Manaus era um lugar de alternativas de subsistência, que oferecia condições econômicas e formas de exercer atividades remuneratórias em uma diversidade de trabalhos. Estas migrações desencadearam na década de 50 na cidade de Manaus a criação da “cidade flutuante”. Segundo OLIVEIRA (2003), tratava-se de áreas onde existiam residências ocupadas por

peessoas renda econômica baixa que não tinham condições de manter os custos de uma moradia na cidade, e devidos estas condições financeiras, acabaram por ocupar áreas desfavoráveis à beira do rio ou em igarapés.

Desde então, teve início o crescimento desenfreado da região onde atualmente encontra-se a feira Manaus Moderna. Os migrantes, viajantes ou produtores advindos do interior foram chegando e se apropriando daquela região. O crescimento de forma desordenada provocou ao longo do tempo impacto ambiental e socioeconômico em relação a sua vizinhança.

Sobre alguns aspectos sociais e culturais da sociedade Amazonense, é importante frisar sobre a noção de identidade que surge do caráter cultural, étnico, racial, linguístico e religioso e são desenvolvidos por vários e diferentes sujeitos, que lançam significados, valores através de subjetividades, correlacionadas à objetividade do território construído e vivenciado, desmitificando qualquer caráter estereotipado de determinado espaço social. O sujeito adquire identidades diferentes em determinados momentos da vida, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2003).

Apesar dos impactos provocados pela a Feira Manaus Moderna na cidade de Manaus, é notório que a mesma é uma precursora do fenômeno cultural na região amazônica. Os feirantes da Manaus moderna são autores importantes no processo indenitário e cultural amazônico. O trabalho deles revela a identidade amazônica, suas memórias e tradições, além de contribuir na sua manutenção.

As feiras podem ser denominadas como os espaços culturais que possibilitam as pessoas se encontrarem e trocarem informações (OLIVEIRA, 2007), portanto a feira é composta pela cultura popular, ou seja, a cultura dos segmentos não hegemônicos, não predominantes. É o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinadas regiões. O trabalho dos feirantes reflete bem estas interações que formatam a cultura popular da Feira Manaus Moderna, esta último, que é compreendida por Matos (2015) como uma manifestação espontânea e sem limites, segundo o pensador Elias (2008) constitui-se o conceito de figuração que rompe com a ideia de que a sociedade existi independente de indivíduos, como se fosse uma teia de relações de indivíduos interdependentes que ligam-se entre si, denominado pelo pensador como redes de interdependência funcionais.

Esse estudo será dividido em três seções, na primeira realizo a caracterização histórica e cultural a partir do início das Feiras de modo geral na Idade média, características e funcionalidades, bem como a cultura do lixo produzido, o capital cultural e a memória coletiva como fatores de transformação social na Feira Manaus Moderna, relatando sobre aspectos de inclusão social, promovido nesse espaço entre os trabalhadores formando uma grande rede de poder e interdependência funcional, também revelo que são os atores desse processo.

Na seção II, desvelo a face da Feira Manaus Moderna, quanto aos seus trabalhadores e consumidores, do Carreteiro ao Carregador, do Feirante ao consumidor, prosseguindo para análise das relações que os unem e dividem que compõem, envolvendo o produto comercializado na Feira: frutas, verduras, artesanatos, etc. finaliza essa seção, os diversos saberes que emanam do ambiente na Feira Manaus Moderna, onde vivências e experiências são manifestadas por meio do Etnoconhecimento compartilhado, finalizo com estudos sobre os impactos ambientais que a presença da Feira apresenta para a vizinhança e cercanias.

A última seção é destinada a apresentação e análise dos resultados, onde responde objetivamente as questões que norteiam esse estudo, afinal, como diz à música que inspira e embala esse estudo.

“Todo dia é dia de feira, segunda-feira, quarta-feira não importa...”

SEÇÃO I - FEIRAS: CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

1.1 Origem e Definição.

Durante o período da Idade Média, não existia um modelo de mercado que se caracterizasse feira, por causa da produção para autoconsumo. Neste sistema de trabalho, a produção das comunidades de *faraós* era estritamente para consumo, não se havia interesse de revender.

Segundo Braudel (1998), os excedentes de produção são a principal causa da origem das feiras. O intercâmbio das mercadorias, deu-se pelas necessidades da falta de uns, e do que sobrava em outros. Os primeiros modos de troca aconteceram por meio de escambo (mercadoria por mercadoria) e depois com a utilização de dinheiro (mercadoria por dinheiro).

Depois das trocas na idade média, continuando o processo de evolução e expansão, houve um crescimento de produção de produtos do Extremo Oriente, que fossem distribuídos via Mediterrâneo com grandes lucros, tais como especiarias, perfumes, joias e sedas, muito procurados em tal época, afirma Souto Maior (1978).

A abertura do mercado do Oriente fez com que os grandes comércios fossem implantados de forma fundamental nas cidades de Veneza, Gênova e Pisa e, aumentando a concorrência entre os vendedores da época.

Com o declínio do Império Romano, as feiras medievais apresentavam o momento no qual ressurgiu o comércio na Europa. Durante os séculos IX e X, houve algumas invasões, como forma de prevenção os europeus ocidentais a buscarem proteção. Aconteceu uma grande migração das cidades para o campo, formando assim o processo de ruralização. Para Andrade (2014, p. 23), a classe de trabalhadores operária foi construída devido um “processo de migração do campo para a cidade que intensificou o crescimento da população urbana”.

Este período ficou reconhecido pela forma de organização política, social e econômica predominante na Europa ocidental. Nesta nova sociedade foi caracterizada pela rígida hierarquia. O poder político Ocidental estava fragmentado: entre os senhores feudais e o clero.(Chauí, 2003).

A consolidação das feiras em si, deu-se no período da Idade Média. Segundo Armando Souto Maior (1978, p. 190):

[...] as influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois o renovado contacto comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI.

O crescimento do comércio deu-se início ao aparecimento das feiras, que eram realizadas de forma estratégica em áreas onde as rotas comerciais se cruzavam. Estas, deram início ao surgimento das feiras medievais. Esses territórios de comércio tornaram-se importantes e, durante alguns dias de sua realização, foram interrompidos pelas guerras, garantido a paz necessária para que os vendedores pudessem trabalhar, além de se converterem os territórios em celebrações e festas.

As feiras apresentavam um caráter comercial. Os mercadores de vários lugares juntavam-se, trazendo os seus produtos para praticar o escambo. A demanda de pessoas aumentou, por isso, os locais onde se realizavam algumas feiras, transformaram-se em cidades.

Existe, na origem das relações históricas, uma certa dificuldade em definir mercados e feiras como objetos econômicos e culturais distintos. Afirma Filgueiras (2006) que, “os elos entre economia, cultura e sociedade estão na própria base do fenômeno urbano”. Nota-se através desta afirmação, que os mercados e feiras populares enquanto espaços de vitalidade, vão além da função comercial e alimentícia de abastecimento: eles constituem a identidade da postal e cultural da cidade, através dos feirantes e da gastronomia e por meio dos produtos neles comercializados. Mercados e feiras atuam no sentido de abranger os fluxos de atividades e pessoas nas cidades, o que reafirma os significados simbólicos da vida urbana.

Quanto a definição das feiras e mercados, Vargas (2001), afirma que é da necessidade da troca e, portanto, também do encontro e do intercâmbio de saberes e práticas, que nascem os lugares de comercialização. Os mesmos espaços de comércio tradicional que ultrapassa os séculos, que ao longo do tempo são importantes pontos de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais.

As feiras são o princípio necessário dos mercados. Para Huberman (1976), existe uma diferença fundamental entre mercado e feira. O autor salienta que os mercados

existem em menores proporções. Neles, tradicionalmente eram negociados os produtos locais, de origem agrícola. Nas feiras eram negociadas mercadorias vindas de diversos pontos do mundo. A feira era o centro distribuidor, onde os grandes mercadores compravam e vendiam as mercadorias oriundas do Oriente e Ocidente.

Segundo Coutinho (2006), historicamente as feiras se consolidaram como uma crucial estrutura de abastecimento de alimentos das cidades. A feira não se limita à compra e venda, nela as tradições locais são reproduzidas e valorizadas por gerações. Em contraponto aos modelos que incentivam a exclusão social, a feira produz inúmeras oportunidades de trabalho (autônomas e oficiais) e incentiva o desenvolvimento local, além de valorizar o produto das adjacências.

Assim, a origem das feiras e mercados está diretamente ligada ao fluxo de pessoas no ato de compra e venda e o significativo aumento da produção no entorno dos locais onde se davam as transações. A feira passa a ser ponto de encontro entre diferentes regiões, possibilitando a aproximação de culturas e construindo trajetos e percursos que se destacam em relação aos convencionais.

Conforme Vargas (2001, p.156-158):

Todas essas atividades [políticas, religiosas, artísticas ou esportivas] coexistem e criam um espaço propício ao aparecimento do mercado. Este tenderá a ser, através da história, um espaço com todos os atributos de um espaço público por excelência. [...]. Quanto ao significado e imagem da atividade comercial, todos estes espaços de mercado [...] reforçam a questão da diversidade e do congestionamento de imagens, sons, odores, mercadorias e pessoas que refletem a expressão máxima da vitalidade e do dinamismo do lugar.

Tem-se portanto, um local público onde se coexistem sabores, odores e rostos. Todos as classes sociais e profissionais da sociedade trazem suas individualizações para a coletividade, neste caso, no ambiente das feiras.

Forman (1979) classifica as feiras em quatro tipos: 1) feiras de consumo: mercados constantes para a população rural, possuindo vendedores – que comprem e vendem para si, que comprem produtos de outros e vendem os seus e que comprem e vendem em todo lugar; 2) feiras de distribuição: são as grandes feiras nas quais as mercadorias são compradas e revendidas em outras feiras ou estabelecimentos; 3) feiras urbanas de consumo ou de abastecimento: acontecem em alguma data isolada para abastecimento

(dia da semana ou mês); 4) feiras de usina: são realizadas dentro da propriedade da usina e atendem às regiões vizinhas.

Há um escasso material bibliográfico sobre o estudo do fenômeno cultural e econômico das feiras no Brasil e o posicionamento deste elemento inserido na urbanização das cidades (FILGUEIRAS, 2006). Notoriamente, alguns materiais existentes estudam feiras e mercados como um fenômeno único, sem analisá-los de modo a obter as características e peculiaridades individuais destes.

1.2 O desenvolvimento das feiras no Brasil

Não se sabe exatamente quando foi criada a primeira feira no Brasil, porém, há registros redigidos por D. João III em 1548, e por D. Afonso IV em 1677 que ordenava, criação de feiras para interação entre portugueses e nativos (MOTT, 2000). O crescimento da economia da então colônia, ocasionou um aumento expressivo do número de feiras.

As primeiras feiras regionais e rurais a serem reconhecidas oficialmente no Brasil surgiram no Nordeste. É a esta região que são dedicados a maioria dos estudos destinados a esta área, por conta da pesquisa sobre as feiras pioneiras (FERRETTI, 2000; MOTT, 2000). Não se pode negar que este modelo de mercado tenha obtido seu ápice na região Nordeste devido às próprias formações espaciais da atividade agrícola e pecuária e socioeconômicas que caracterizam essa região.

Para Braudel (1998), a principal causa de origem das feiras foi a abundância em produtos, criando a consequente troca de mercadorias, inicialmente com os vizinhos e posteriormente se estendendo à comunidades próximas. A feira oferece um ambiente onde pode-se comercializar a maioria dos produtos, por isso a demanda de pessoas aumentou rapidamente.

A exploração e ocupação do Nordeste brasileiro estiveram relacionadas diretamente ao desenvolvimento do capitalismo trazido por Portugal, que serviu como pano de fundo para o descobrimento e a organização do território brasileiro durante o século XVI. Assim, desde o início de sua ocupação, o espaço regional esteve voltado para o abastecimento do mercado europeu com produtos tropicais (ANDRADE, 1979).

Devido grande exploração e ocupação do Nordeste brasileiro é onde encontramos mais forte essa relação, da importância cultural como também socioeconômica das feiras no Brasil.

A partir da forte cultura das feiras, oriundas do Nordeste, foram muitas as cidades fundadas no interior desta. Estas, eram reconhecidas por suas importantes feiras: Quixadá e Baturité, no Ceará, Campina Grande, na Paraíba, a feira livre de Caruaru, em Pernambuco, a feira livre de São Joaquim, em Salvador, entre muitas outras. A relevância histórica de surgimento e desenvolvimento comercial e a diversidade cultural, são verdadeiros patrimônios imateriais idêntico entre essas feiras.

Alguns pesquisadores da área afirmam que as feiras tendem a desaparecer devido a ação de mercados atacadistas. Na visão de Forman (1979), embora as feiras sejam um fenômeno social econômico e viável, ela está sendo compelida pelo mundo contemporâneo.

Neste sentido, Braudel (1998, p. 15), declara-se favorável à sobrevivência deste tipo de economia, concluindo que:

se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois esse mercado elementar, onde se vende, sobretudo “sem intermediários” é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais bem vigiada, protegida contra embustes.

A praticidade que as feiras oferecem, unidas ao ambiente e a qualidade dos produtos a sustentam ao longo dos séculos, especialmente por ter uma rede de interligação menor do que a de outros modelos de economia semelhantes a ela, como por exemplo os shoppings online que comercializam, em partes, produtos semelhantes aos das feiras.

Embora estes ambientes virtuais tenham se popularizado pela comodidade que oferecem, Lefebvre (2001) chama atenção para as características peculiares que as compras presenciais na feira oferecem. De acordo com o autor, o consumidor também consome o espaço, os objetos e a cultura que o rodeia ali. Além disso, “é o lugar de encontro, a partir do aglomerado das coisas. Aquilo que se diz e se escreve é, antes de mais nada, o mundo da mercadoria. Lefebvre (2001p. 131).

1.3 O Espaço da Feira: Características e Funcionalidades.

Em seu espaço físico, as feiras contemplam vários recortes territoriais. As sessões são divididas por setores e, em alguns casos há um espaço específico para a administração do local. Neste ambiente e seus arredores, encontram-se um conjunto de classes trabalhadoras que se unem para o funcionamento eficiente do local, cada uma com seu conhecimento, empírico ou não, formando uma ampla rede de interdependência e de diferencial social (ELIAS, 1939).

O indivíduo envolvido neste contexto foi fator determinante para que o modelo de feira – tanto em seu espaço físico como enquanto espaço de acontecimentos sociais – que se tem hoje tomasse forma. Neste sentido, ANDRADE (2014, p.18) pondera que:

O ser humano é um produto e, ao mesmo tempo, um transformador da natureza e da cultura e, ainda assim, deixando de lado a polêmica entre os limites da natureza e cultura que tal consciência suscita -, tomemos como ponto de partida que o homem fez-se por meio do trabalho. O que constitui fator de progresso da humanidade, a nos oferecer as diferentes eras da história.

Dessa forma, o professor João Bosco Andrade ilustra a maneira com que o indivíduo enquanto produto transformador, é capaz de alterar o espaço em que ele faz parte, tanto de forma material como abstrata, quando tem-se, então, a transformação cultural.

De modo geral, há uma compreensão no sentido da apropriação de espaços dos feirantes, carregadores e até dos “flanelinhas” entre si e/ ou o poder público, principalmente no caso dos feirantes, quando ocupam locais fora da feira, caracterizando sua informalidade.

No entanto, a percepção de espaço aqui tomada não quer designar territorialidade e sim um espaço onde se desenvolvem processos socioculturais onde os sujeitos que o compõem são protagonistas. Neste sentido, “as classes sociais enquanto significações valorativas vão tomando forma no entrelaçamento das relações sociais” (TORRES, 2004, p. 6).

Com as transformações sofridas pelo espaço da feira, logo ela deixa de ser apenas um local de compras e adquire uma característica espacial de troca de conhecimentos entre os feirantes e consumidores ou entre os trabalhadores em si. Neste caso, o hábito de consumir não se resume ao desejo de suprir as necessidades, mas uma forma pela qual o

homem está inserido ou envolvido no processo de grupo, enquanto indivíduo. Tem-se então que a sociabilização que o espaço da feira oferece, induz o indivíduo à compra.

Dessa forma, Solomom (2008, p. 27), afirma que “O comportamento do consumidor é o estudo dos processos envolvidos quando indivíduos ou grupos selecionam, compram, usam ou descartam produtos, serviços, ideias ou experiências para satisfazer as necessidades e desejos”. Este pensamento é reforçado pela afirmação de Andrade (2014), ao dizer que a maneira como compreendemos algo, reflete sobre como é o nosso relacionamento para com ele. Posto isso, tem-se as feiras então como objeto de compreensão do indivíduo, que conseqüentemente alterou de forma histórica seu relacionamento para com ela.

A feira vista como espaço de negócio, abriga tipos humanos variados e encontros informais. Neste contexto, diferentes relações se criam e se revezam, ao formar uma microesfera de poder (FOUCAULT, 1979).

Ao deslocar-se para uma feira, o indivíduo tem como objetivo não só consumir os produtos, mas consumir a própria feira. Dessa forma, Lefebvre (2001) afirma que:

Nesses lugares privilegiados, o consumidor também vem consumir o espaço; o aglomerado dos objetos [...] torna-se razão e pretexto para a reunião das pessoas; elas veem, olham, falam, falam-se. E é o lugar de encontro, a partir do aglomerado das coisas. Aquilo que se diz e se escreve é, antes de mais nada, o mundo da mercadoria [...]. No entanto, o uso e o valor de uso resistem obstinadamente: irredutivelmente. (LEFEBVRE, 2001, p.131).

Na estrutura das feiras, encontram-se modelos alimentares que reinventam antigas fórmulas, combinam novas possibilidades e até moldam o corpo humano que dela faz parte inerente no processo. A feira consiste em uma grande significação que gira em torno dos alimentos, e a mesma simboliza não apenas padrões de consumo, mas padrões de status social, de poder e de identidade. Segundo Bourdieu (2011, p.10), “os símbolos tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social”.

No âmbito comunicacional, ao comparar-se o espaço oferecido pelas feiras aos supermercados nota-se que:

Enquanto no supermercado você pode fazer todas as suas compras e passar horas sem falar com ninguém, sem dizer uma palavra, sem ser abordado por ninguém, sem sair do narcisismo especular que o leva e o traz de uns objetos a outros; na praça você é forçado a passar pelas pessoas, pelos sujeitos, a encontrar-se com eles, a gritar para ser atendido, a se deixar ser abordado (BARBERO, 2014, p. 94).

Ainda que se criem novos espaços de comércio e varejo e, mesmo com o desenvolvimento da tecnologia que se insere nesse processo (feiras online), o espaço físico da feira oferece a troca de conhecimento, além da oportunidade de fazer parte da construção da memória coletiva e da cultura.

1.4 A cultura do lixo na feira.

Parte inerente da descrição da feira enquanto espaço físico e social, é a organização da mesma e a higiene realizada no local. Embora seja conhecida pelo comércio de gêneros alimentícios frescos, há uma contradição quanto ao que é descartado e como é realizado este descarte.

Andrade (2007) reitera que o hábito do trato com o lixo é cultural.

O homem tem feito com que o lixo tome conta do planeta inteiro. Tanto nos países identificados como desenvolvidos quanto naqueles que vegetam sob a condição de subdesenvolvidos e nos emergentes o lixo não tem representado mais apenas o subproduto rejeitado das funções vitais. Estamos submersos numa cultura do lixo, na qual o crime, o vício, a indigência mental, o obscurantismo, a desinformação, o mau gosto e a corrupção – inclusive de nosso interior – têm se colocado como objetos de desejos das massas e das elites (ANDRADE, 2007, 41).

Pode-se considerar o lixo parte do processo de alteração da característica do ambiente da feira, que o afeta de tal maneira a influenciar, inclusive na escolha final do consumidor, por uma questão de saúde. Os olhos e o nariz reagem a esta alteração, que atrai potencialmente insetos e animais indesejados para o local. A maneira como os resíduos sólidos são descartados não concerne só às feiras, mas à todo o espaço urbano, afinal o corpo social configura como é percebido o corpo físico (DOUGLAS, 2003).

A desigualdade social do mundo moderno agrava esta situação. O descarte dos alimentos considerado pelos feirantes ou distribuidores, impróprio para consumo, por vezes torna-se alimento dos menos favorecidos, atraindo mais pessoas para o espaço ao redor da feira, com o objetivo de reaproveitar o lixo, afinal:

O lixo é uma questão cultural em que se notifica a partir de símbolos individuais; o que é lixo para um, pode não ser para outros, dependendo da utilidade que ainda tiver para determinados indivíduos. Os ossos após a retirada da carne podem ser considerados lixo para uns e alimentos para outros (MINNAERT & FREITAS, 2008, p. 9).

Logo, trata-se de uma larga rede de interdependência existente no espaço da feira no que diz respeito aos resíduos sólidos, afinal, até o que é considerado lixo alimentício pode não somente ser reciclado, mas reaproveitado e utilizado, inclusive, como fonte de renda para uma parcela dos vendedores informais que ali trabalham. Em alguns casos, é feita uma seleção dos gêneros descartados, nos quais os mesmos são embalados e revendidos em locais nas redondezas das feiras, quando o poder municipal da cidade permite.

Temos então a larga rede de interdependência existente no espaço da feira, que até mesmo o que é considerado lixo alimentício se torna a matéria prima de vendedores ambulantes urbanos e, inclusive daqueles que trabalham nas redondezas da feira, em cidades em que o poder municipal permite.

Bordignon et al. (2011, p. 91) reitera a importância da prática da coleta seletiva de forma adequada.

“a coleta seletiva e reciclagem pode ser uma importante ferramenta para a sociedade por ajudar na solução da disposição final dos resíduos sólidos e na geração de renda para muitas pessoas que movem esta cadeia, promovendo oportunidades para a economia local e gerando novos mercados, resultando em benefícios para o meio ambiente”.

A falta de gerenciamento dos resíduos sólidos descartados ao redor da feira, gera, além de degradação ambiental (principalmente nos casos de feiras localizadas próximas de rios e igarapés), a poluição da paisagem urbana que caracteriza o espaço de compras. Trata-se, inevitavelmente de uma questão de saúde pública.

Figura 1-Lixo no Rio em Frente a Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

A falta de direcionamentos dos resíduos sólidos de grande parte das feiras, somadas a não preocupação do poder público, reiteram a afirmação de Macedo (2007). Segundo o autor, o Brasil produz todos os dias mais de 273 mil toneladas de lixo, do qual grande parcela é proveniente das feiras.

No caso de feiras que se localizam próximo a portos de carga e descarga, o problema se agrava ainda mais. Além de prejudicial para a saúde humana, os resíduos são poluentes e colocam em risco a saúde dos homens e o equilíbrio da natureza (BACKES, et. al. 2007). Correia e Roncada (1997) observa que a venda de alimentos na feira em si, principalmente de origem vegetal, pode alterar significativamente a qualidade do produto. O autor relaciona a perda da qualidade, à exposição inadequada que os alimentos têm no ambiente da feira, quando por vezes são mantidos sem refrigeração e quaisquer proteções contra inseto ou poluição presente no ar.

O lixo descartado de maneira irresponsável nas feiras tem alto potencial de reaproveitamento, o que poderia dar outros rumos à situação. A reutilização de resíduos de origem vegetal tem impacto direto nas relações imprescindíveis da sociedade, capaz de ser uma grande contribuição para o desenvolvimento

econômico e social, além de certamente reduzir de forma significativa os danos ambientais (PIRES & MATIAZZO, 2008).

A falta de gerenciamento dos resíduos sólidos descartados ao redor da feira, gera, além de degradação ambiental, a poluição da paisagem urbana que caracteriza o espaço de compras. Isso se agrava principalmente nos casos de feiras localizadas próximas de rios e igarapés, porque a água tem influência direta na saúde humana e seu desenvolvimento com indivíduo social. Neste caso, trata-se, inevitavelmente de uma questão de saúde pública, que não deixa de ser diretamente ligada às ações do próprio poder público, afinal:

O Estado é uma entidade politicamente organizada, sendo responsável pela administração de recursos da sua população. É quem deve coordenar os esforços públicos privados e sociais para o bem de toda a sociedade, ou seja, para o bem comum (DIAS, 2011. P. 260).

Ainda assim, tem-se o indivíduo que trabalha na feira e o próprio consumidor como elementos chave para o processo colaborativo de preservação sanitária do local, porque lixo público, embora seja encontrado em ruas públicas, geralmente são resultantes da natureza, como folhas, poeira, terra e areia. Dessa forma, resíduos descartados pela população como plásticos e embalagens são consequências (MONTEIRO, et. al. 2001).

1.5. O Capital Cultural e a Memória Coletiva como transformadores da feira Manaus Moderna.

A cultura do consumo na feira é forte, embora ainda haja uma problemática estrutural de organização do espaço físico e armazenamento. Portanto, o Capital Cultural enquanto um importante elemento a ser analisado nesta pesquisa, parece possuir uma significativa implicação para os estudos de consumo. Para Bourdieu, o Capital Cultural se constitui da conjunção entre origem social e educação formal, ou seja, o Capital Cultural é “o produto garantido dos efeitos acumulados da transmissão cultural assegurada pela família e da transmissão cultural assegurada pela escola” (BOURDIEU, 1979, p. 21-22).

A orientação individual ou de um grupo social é geralmente indicada pela percepção cultural dos atores. Neste sentido, o conceito de Capital Cultural de Bordieu

traz à tona a maneira como a cultura tem sido usada como elemento de diferenciação de classes sociais, seja assumindo função dominadora ou desprezada, todas estas características encontram-se na feira. Bordieu percebeu a escola, por exemplo, como um local aparentemente democrático, onde o ensino é transmitido de forma igualitária. Em comparação com esta percepção, temos as feiras e o perfil de tratamento de seus consumidores. Feiras recebem pessoas do mundo inteiro, atraídas pela efervescência cultural que esses locais oferecem. Percebe-se que o Capital Cultural dos consumidores influencia diretamente no modo em como este indivíduo vai consumir a feira.

A feira vista como espaço de negócio, abriga tipos humanos variados e encontros informais. Neste contexto, diferentes relações se criam e se revezam, ao formar uma microesfera de poder (FOUCAULT, 1979). O movimento cotidiano da feira envolve não só trocas monetárias e transações econômicas, mas criações de práticas sociais e experiências. Durante a venda, nas relações feirante x fornecedor e feirante x feirante, a dinâmica permite que haja troca de informações e vivências, permitindo interações e reconhecimento mútuo entre os indivíduos.

A memória coletiva constrói a história de uma sociedade. Para a compreensão de fenômenos como este, é imprescindível que se faça um resgate histórico, ao analisar o contexto sociocultural e temporal em que se foi construído o conhecimento compartilhado.

Para Halbwachs (2006, p.01), que criou a categoria de memória coletiva, a memória “deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. Trata-se, portanto, de uma reconstrução da memória vivenciada sob o ponto de vista social. A forma, o modo como o percebemos é marcado por padrões ou regras e convenções coletivas que organizam a experiência dos indivíduos. Entretanto há uma dimensão subjetiva, a padronização do tempo é imprescindível para a sincronização das ações individuais, permitindo o desenvolvimento da vida social.

A padronização do tempo e do espaço permite, portanto, a construção de memórias, que executar uma função social essencial: elas contribuem para a sustentação e coesão dos grupos, na medida em que ajudam a produzir o sentimento de identidade entre seus membros.

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Para que uma memória seja reconhecida e reconstruída, os atores sociais necessitam identificar marcas de proximidade que os permitam mante-se fazendo parte de um mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações.

Para Matos (2015), sob a ótica do processo civilizador de Norbert Elias, a sociedade produz, em certos espaços a partir do conhecimento acumulado, o que nos leva a pensar que há também uma relação mútua com o compartilhamento deste com gerações posteriores, no que diz respeito à manutenção da tradição dos feirantes da Manaus Moderna. Essas tradições podem ser vistas, ao compararmos certos hábitos e costumes que mesmo com o passar dos anos, se faz presente, na Feira Manaus Modera, é esse ambiente é rico em cultura amazônica.

As maiores feiras de Manaus surgiram após grande crescimento da população, decorrente dos vários ciclos econômicos pelo qual o estado do Amazonas atravessou. A Feira Manaus Moderna foi uma dessas feiras que se consolidou próxima à orla e ao porto de Manaus, para onde são escoadas as mercadorias para o abastecimento local. Esta produz muitas oportunidades de trabalho que fomentam a circularidade econômica e também, o desenvolvimento local. Representa também uma forma de alternativa profissional, se torna um meio de prover as necessidades tanto dos que neste ambiente trabalham, quanto dos que buscam melhores preços, sendo também mais uma opção de consumo. A Feira Manaus Moderna não se limita somente a transições comerciais, neste ambiente contém uma memória coletiva de costumes, hábitos e cultura local que são reproduzidas e valorizadas.

Além disso, a característica principal da Feira Manaus Moderna é de abastecimento. O local acabou absorvendo essa função, não só pela tradição na comercialização de alimentos na área próxima ao porto de Manaus, mas também pela privilegiada localização espacial. O fluxo de comércio é visível pelo intenso movimento durante todo o dia e a madrugada na área do porto da Manaus Moderna,

cena que já é comum no dia a dia do amazonense que vai à Feira. A produção que ocorre nos arredores de Manaus se encontra, literalmente, naquele ambiente.

Os produtos da Feira têm como procedência o Porto da Ceasa, barcos pesqueiros, várzea dos municípios vizinhos e produção de comunidades em estradas estaduais e de produtos advindo de outros estados do Brasil. A histórica localização da Feira Manaus Moderna faz do porto um instrumento necessário para interligar a cadeia da rede de interdependência que ali existe, afinal não é um porto que se destina unicamente ao embarque e desembarque de mercadorias, mas também transporta pessoas da capital para o interior e vice-versa. Há, no entanto, uma problemática em relação às políticas públicas não aplicadas para o ambiente de carga e descarga, que representa uma importante função no contexto social e econômico.

Neste sentido, Oliveira (2003, p.146) lembra que:

“[...] Apesar de, desde e sempre, o transporte fluvial se constituir no principal meio de circulação no Estado do Amazonas, o porto para embarque e desembarque de pessoas em barcos de pequeno porte sempre foi improvisado e precário”.

Ao fazer uma associação, tem-se historicamente o mercado Adolfo Lisboa desde 1983 (data de sua reinauguração) como referência no abastecimento de frutas, peixes e afins na cidade de Manaus. A área central da cidade transformou-se principalmente devido a construção de um Polo Flutuante que consequentemente atraiu uma movimentação comercial para mais próximo do rio.

As transações, a partir de então, aconteciam na margem do rio Negro, diretamente com produtor rural ou atravessador. O porto flutuante é a principal porta de entrada da cidade desde o século XIX (PINHEIRO, 2003). Essa área é reveladora de como a cidade é heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experienciais que se relacionam das mais diversas maneiras. SILVA (2016.p.19).

Silva (2006), especifica que o comércio que acontecia em torno da rua Barão de São Domingos, próximo ao porto de Manaus, não teve significativa atenção do poder público. O local, inclusive, servia como abrigo para a população que chegava

do interior, dando origem a cidade flutuante, momento em que as casas avançam o rio negro. Segundo Dias (1999, p.23), o espaço que foi destinado aos trabalhadores, aos pobres, desocupados e ociosos no momento da organização da cidade de Manaus “foi a beira no rio, situada no porto da Manaus Moderna”.

Em 1967, o poder público decidiu retirar os 4.100 habitantes naquele local e realocar os feirantes. O processo de higienização da área central da cidade fazia parte do plano da prefeitura.

“O espaço urbano pensado, idealizado e organizado para se fazer conhecer, impressionar e atrair os investidores estrangeiros, ao mesmo tempo em que projeta ao mundo a prosperidade e civilização dentro da visão burguesa de uma cidade ideal, [...]” (DIAS, 1999, p. 131).

Os moradores foram transferidos para áreas periféricas de Manaus, enquanto os feirantes passaram a trabalhar na feira da Panair no bairro Educandos. Alguns pequenos varejistas, porém, resistiram e continuaram no local.

Figura 2- Feira à margem da praia do mercado municipal, meados da década de 60.



Fonte: SILVA, 2010.

De acordo com Silva (2006 p.07):

Apesar da resistência engendrada pelos trabalhadores para permanecerem ali, cumprindo a ameaça, em novembro de 1991, o prefeito Arthur Neto manda tocar fogo em tudo. Diante dessa grande tragédia desencadeada pela prefeitura, muitos feirantes abandonaram o trabalho, outros migraram para diferentes feiras da cidade, muitos foram para a Feira da Panair e quando em Março de 1994 é inaugurada a feira Cel. Jorge Teixeira, a Manaus Moderna, e alguns dos antigos feirantes retornaram.

A feira permanece com a cara dos trabalhadores que retornaram para o local depois de sua instalação oficial, em 1994. Tem-se na Manaus Moderna uma maneira de sustento transpassadas por gerações de famílias e conhecimento coletivo entre elas. Sabe-se, todavia, que o ambiente cultural e a importância econômica da Feira para a cidade, aumentam conforme a produção que acontece “do outro lado do rio”.

A precariedade da infraestrutura portuária localizada na Feira Manaus Moderna, a logística viária fluvial, os atracamentos do grande número de embarcações de vários portes, bem como os processos de carga e descarga, embarque e desembarque de produtos, de bagagens e passageiros, apresentam grandes desgastes aos trabalhadores e usuários em geral que utilizam os serviços realizados naquele ambiente.

Figura 3-Orla do Porto da Manaus Moderna em 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Contrariando o Decreto Municipal que determina que o desembarque dos pescados seja centralizado em um único porto de Manaus (Panair), a atividade é realizado por pelo menos quatro portos na cidade, incluindo o da Manaus Moderna, prática que, neste caso, é considerada clandestina.

O comércio de pescados que acontece na Orla do Porto da Manaus Moderna, embora não esteja dentro dos padrões sanitários adequados, é predominante no local. Trata-se de uma prática que se confunde com a história dos feirantes informais, quando a Feira ainda estava sendo idealizada. Nesta contextualidade essa prática é totalmente voltada a cultura pois faz parte da identidade do homem amazônico, mediante o que Silva (2006) afirma, pois a produção identitária se constitui em uma modalidade de construção social que se processa de diferentes formas, neste véis pode-se configurar que a identidade ribeirinha da cidade é uma delas.

A comercialização fluvial resiste, inclusive durante a madrugada, quando o clima é mais ameno, o que torna a durabilidade do frescor maior. Ela segue o mesmo público-alvo da Feira e vende em pequenas e grandes quantidades, abastecendo o mercado da cidade. A oportunidade de negociar o valor diretamente com o pescador e o frescor do produto, são elementos que chamam a atenção do comprador, a relação vai além

Figura 4- Venda de pescado no Porto da Manaus Moderna.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Apesar das dificuldades estruturais da Orla, a cultura da venda em barcos ainda resiste ao tempo e permanece rotineira, uma prática fervorosa identitária do consumidor amazonense. Pode-se ressaltar que esta atividade deu origem a feira, afinal, a prática realizada era exatamente essa: produtores que vinham do interior nos barcos e vendiam seu produto na beira da Orla, sem necessidade de aluguel ou estrutura física.

1.6 A Feira e a inclusão social

Vários fatores envolvem a inclusão e a exclusão do indivíduo pela sociedade. A inclusão é a aceitação da oferta de igualdade de oportunidades a cidadãos ou grupos, sem distinção. Tsugumi (2006) considera o processo de exclusão social cruel, pois condiciona o homem a procurar outras formas de garantir sobrevivência, como a ilegalidade e a informalidade.

Observa-se que a inclusão social é uma questão de:

[...] abertura e de gestão: abertura, entendida como sensibilidade para identificar e recolher as manifestações de insatisfação e dissensos sociais, para reconhecer a “diversidade” social e cultural; gestão, entendida como crença no caráter quantificável, operacionalizável, de tais demandas e questionamentos, administráveis por meio de técnicas gerenciais e da alocação de recursos em projetos e programas (as políticas públicas) (LACLAU, 2006, p. 28).

Historicamente a Feira Manaus Moderna assume uma característica de absorver os diversos tipos de recursos humanos disponíveis para compor a larga rede de interdependência que dela faz parte. Trata-se de mão de obra advinda de outras regiões, egressos do sistema prisional e outras classes estigmatizadas da sociedade.

A busca por melhores oportunidades trouxe milhares de migrantes do interior do Amazonas para Manaus, este fato inclusive deu início à Feira Manaus Moderna, quando ainda era considerado um mercado flutuante. Por força do diferencial social, a capital não absorveu a massa de trabalhadores de forma igualitária e a falta de

especialização foi fator decisivo desta divisão, que levou inúmeros migrantes de várias cidades do interior a exercerem funções na Feira Manaus Moderna. São feirantes, carregadores, vendedores de acessórios e sucos e atravessadores que fazem da Feira o seu ganha pão desde então.

“A cidade de Manaus [é] um dos principais pontos de aglutinação de migrante na região Norte, com seus habitantes movidos pela esperança de dias melhores, atraídos pela ilusão, pelo fascínio ou pelo fausto da cidade grande; e de qualquer maneira, marcados pelas frustrações e decepções do universo urbano” (OLIVEIRA, 2003, p.106).

Parte dessas pessoas ocupam o que Coêlho (2009) chama de espaços de comercialização despercebidos pelas administrações municipais, ou seja, adquirem de forma independente barracas e trabalham na parte externa da Feira, dividindo espaço com veículos e cachorros.

Porém, além desta problemática estrutural, ao fazer um estudo nas feiras de Manaus, Noronha (2010) destaca a importância de levar em consideração o aspecto humano.

As feiras também são lugares dos despossuídos, muitas vezes de gente sem emprego. [...] O lema “cada um que se cuide” parece estar na atmosfera das feiras. Cada um sobrevive como pode. A pobreza é evidenciada em suas múltiplas dimensões na construção do espaço geográfico. Como por exemplo: encontra-se pessoas que recolhem lixos, mendigos, prostituição em troca de comida, trabalho das crianças com as mais diversas formas de exploração, entre outras (NORONHA, 2010, p. 21- 22).

Neste sentido, há, sobretudo uma relação de abrigo com os excluídos da sociedade e a Feira. Dependentes químicos, alcoólatras e prostitutas veem a Feira Manaus Moderna como um lar, literalmente. Muitos dormem no chão da parte coberta externa da Feira. A presença deste grupo citado por Noronha (2010), levanta o debate sobre a segurança na Feira, visto que os frequentadores e feirantes do local, por vezes, sentem-se ameaçados.

Figura 5- Moradores de rua e trabalhadores dormindo em frente a Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Os egressos do sistema penitenciário fazem parte de um contexto social bastante estigmatizado, onde a Feira Manaus Moderna torna-se uma oportunidade em meio a discriminação. Para Antunes (2006) o estado de exclusão social de um indivíduo que já esteve preso por cometer crimes é frequente antes e depois da sua libertação. Na Feira eles exercem diversas funções sempre relacionadas com o trabalho braçal.

Nota-se que a Feira absorve a classe mais pobres da sociedade como um todo. Pessoas sem expectativa de emprego formal por falta de qualificação, migrantes que não tiveram suas expectativas supridas ao sair de sua cidade natal, egressos do sistema prisional que não têm oportunidades devido a inúmeros fatores estereotipados formam, entre outros, o que Castel (2008, p. 9) chama de classe “mais duramente atingida pelo desemprego, pela insegurança no trabalho, pela pobreza e pelas péssimas condições habitacionais”. No entanto, isso motiva a continuidade da relação de interdependência funcional que sustenta a estrutura social em questão.

1.7 A Gastronomia Híbrida na Feira Manaus Moderna

A culinária de cada região é fruto de inúmeros fatores, entre eles a tradição cultural, a identidade do povo e seus valores e sua localização geográfica. Leal (1998, p.123) chama atenção para a extensão do território brasileiro e suas peculiaridades gastronômicas em cada região. “São esses traços característicos que determinaram várias cozinhas regionais em nosso país, cozinhas essas que estão se trocando constantemente de norte a sul”.

A região Norte, no entanto, está relacionada a uma cultura híbrida no que diz respeito à gastronomia que, conseqüentemente, faz com que o espaço da Feira Manaus Moderna e os pratos comercializados não sejam compostos por elementos que têm a mesma origem cultural. Canclini (1997) não tem dúvidas de que a expansão urbana é uma das principais causas que intensificam a hibridação cultural. Em Manaus, observa-se a diversidade existente que sustenta as redes invisíveis de consumidores da feira.

O peixe de água doce é um dos principais elementos da culinária presente na feira, afinal, são mais de 2 mil espécies que vivem nos rios que banham a região (Schluler, 2003). A gastronomia amazônica tem características milenares e sabores oriundos de diversas culturas, como a indígena, por exemplo.

pratos como pato no tucupi, tacacá, maniçoba, arabu (uma gemada de ovos de 31 tracajá ou tartaruga), peixe moqueado e pirarucu de sol são algumas delícias exóticas que fazem parte do cardápio e dificilmente sobreviveriam fora da floresta tropical devido à falta de ingredientes próprios para o seu preparo. (NUTRINEWS nº 187, 2002, apud BAKER, 2003, p.29).

Desse modo, a Feira Manaus Moderna reflete o que há de cultural no Amazonas. Além disso, também existe uma dinâmica cultural no contexto em que o estado está inserido, levando em consideração a migração dos povos de culturas diferentes. O consumo do cará, da farinha, do tucupi, da macaxeira está relacionado ao fato de que, enquanto ponto de convergência, a Feira sustenta muitos hábitos alimentares oriundos do interior do estado. Por outro lado, o consumo e a demanda do morango, do brócolis e do couve-flor delineia a dinâmica cultural presente nesse processo.

Grande parte dos produtos comercializados pela Feira Manaus Moderna são recebidos e vendidos da mesma maneira, ou seja, in natura. Porém, a Feira também é um ponto turístico que abriga vários trabalhadores, por isso, o local passou a comercializar também alguns produtos prontos para o consumo, como é o caso dos peixes, açaí, buriti e sanduíches. Estes pratos são preparados no próprio ambiente da Feira e são muito procurados, pela demanda visível e pelo seu frescor.

Figura 6- Venda de peixe frito no almoço na Feira Manaus Moderna.



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2018.

“O homem é o que come” (BRILLART-SAVARIN, 1965) não só pelo fato do organismo responder à qualidade dos alimentos ingeridos, mas além disso: a dieta revela posição social. Alguns pesquisadores acreditam que a comida tem uma forte relação com o âmbito social que fortalece os laços culturais. Para Fischler (1995) o homem “come significados”. Poulain (2006) reitera essa afirmação e conclui que não se trata só de o que se come, mas onde se come, como e o quê se come, insistindo em uma relação do alimento comestível com sua territorialidade.

Desde o café da manhã na Feira até o jantar, pode-se provar literalmente a Amazônia, e revelar os sabores, a identidade e a tradição cultural de um povo. Por ser linha final da entrega de mercadorias feita por meio fluvial, os trabalhadores que vem

do interior para descarregarem os produtos fazem refeições nos restaurantes e lanchonetes locais. Trata-se de um espaço de fronteira onde o rural se encontra com o urbano, sem perda de características, o que Freyre (1982) chama de rurbano.

O tempo que se passa em torno do alimento na hora do almoço ou café da manhã na feira, possibilita uma relação de sociabilidade. Simbolicamente, a comida não é o objeto principal desta relação, mas apenas um detalhe. Todas as refeições feitas na Feira Manaus Moderna têm uma carga cultural que agrega significados.

(...) de maneira mais abstrata produzimos valores e sentidos quando pensamos estar lidando apenas com a nossa satisfação e mera sobrevivência. Tudo isso porque o homem não sobrevive apenas, mas antes inventa significados para tudo que faz (SILVA, 2005, p.10).

Desta maneira, as refeições feitas na feira têm um poder de integração social dos “comedores” (POULAIN, 2006) que caracteriza este lugar como um “espaço social alimentar”. Os sabores da Feira Manaus Moderna, propiciados pelo preparo e consumo de refeições no próprio local, ativam de forma não literal, muito mais do que o paladar, mas uma experiência sensorial colaborativa para a cultura e a identidade amazônica.

1.8 Cultura e Trabalho na Feira Manaus Moderna: As redes de Interdependência na Amazônia.

A tradição do trabalho e compra que acontece na Feira Cel. Jorge Teixeira, conhecida como Feira Manaus Moderna no Centro de Manaus, merecem espaço específico para estudo. Além disso, a cultura predominante neste ambiente é digna de uma análise aprofundada no tocante à Amazônia.

Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (apud LARAIA, 2006, p.25).

As feiras são caracterizadas por serem ambientes de comercialização, entretenimentos, negócios ou lazer. Para além disso, são espaços mediados por saberes, trocas de experiências e conhecimentos empíricos ou não. Assim como o espaço feira, outros diversos locais podem possibilitar a teoria da relação com o saber através de uma abordagem que delinieie seus personagens –a interação com seus pares, dinâmica, comunicação e atuações que construam uma história que liguem à família, sociedade e a espécie humana em geral- e objetivem um mundo em que ocupam uma posição nas relações sociais (CHARLOT, 2000).

Reafirmando essas palavras, o próprio Charlot (2005, p. 41) afirma que:

[...] discutir a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular.

A Feira Manaus Moderna é responsável pelo sustento de muitas famílias, direta e indiretamente há décadas. No que diz respeito à concessão de boxes, a feira torna-se ainda mais tradicional. Muitos dos locais de venda dentro da Manaus Moderna são resultado de herança familiar, e assim o “negócio da família” passa por gerações.

Existem aqueles que comercializam o mesmo produto há anos. São a estes atribuídos o conhecimento empírico devido aos anos vividos na profissão. É preciso delinear este trabalhador e a sua contribuição para o ambiente socioeconômico da cidade, passando pelo nível de escolaridade atribuindo a ele e às orientações que este pode indicar à “nova cara” que a Feira Manaus Moderna obtém.

A feira carrega uma grande responsabilidade de refletir a identidade cultural do local em que se situa. Embora o corpo de trabalhadores da Feira Manaus Moderna seja constituído por uma miscigenação de pessoas oriundas de diversas partes do Brasil (e até mesmo de outros países), o local parece absorver a identidade do Amazônia, tanto que tornou-se ponto de visita dos turistas que tem objetivo de conhecer o homem amazônico em sua essência.

Gláucio Matos (2015) em sua obra “Ethos e figurações na hinterlândia amazônica”, analisa o contexto amazônico sob o conceito de processo civilizador, de Norbert Elias e o seu seguidor Johan Goudsblom. Matos (2015) chama atenção para

inúmeros exemplos na Amazônia. No âmbito das feiras, o professor tem a venda de peixes como símbolo de uma imensa teia de interdependência. O pescador passa para o atravessador, de modo que a mercadoria chega ao vendedor; esta rede torna-se maior ainda quando pensamos no indivíduo que vai comprar e no que vai consumir este peixe. Caso o pescado esteja proibido de ser comercializado, por conta da Lei do Defeso, a cadeia de interdependência é maior ainda, visto que envolve fiscais e inúmeros profissionais que compõem os órgãos reguladores.

A junção desses dois fatores ao ato de consumir e frequentar a feira, forma culturalmente a identidade de uma cidade. Martín-Barbero (1997, p.314) entende que:

“A feira, então, não surge apenas como resultado de um processo de degradação, absorção do festivo pelo comercial, mas como lugar de modelagem cultural da dimensão lúdica - essa dimensão tão esquecida pela sociologia crítica que só presta atenção às dimensões sérias, "produtivas" - e de constituição de identidades coletivas locais, regionais, em sua ligação e confronto com a nacional”.

Os feirantes em geral, por vezes encontram-se ameaçados devido a sua atividade informal, o exercício dessa atividade utiliza os termos de Certeau (1994), e está entre constante manobras do poder público para diminuir o número de trabalhadores informais em espaço públicos como tentativa de organização e higienização desses espaços. As novas formas de fazer feira, sejam elas online ou nos supermercados, também são fatores tidos como ameaçadores ao futuro das feiras.

Mediante algumas interpretações histórico-estruturais, é importante refletir sobre o papel da informalidade como resultado do processo de acumulação capitalista pelo qual as grandes empresas, em seu movimentado crescimento, criam, destroem e recriam os espaços econômicos nos quais o trabalho informal atua. Nesse âmbito, a informalidade não tem capacidade de criar seu próprio espaço, pois seu processo de formação é subordinado, ocupa interstícios da produção capitalista, sendo marcada por sua heterogeneidade (IPEA e DIEESE, 2008).

1.9 Quem são os trabalhadores da Feira Manaus Moderna?

Ao observar a Feira Manaus Moderna percebe-se uma multiplicidade de trabalhadores de conhecimentos distintos, dividindo o território. Estes indivíduos são frequentadores assíduos de muitos bares e restaurantes que situam-se ao redor da Feira, onde há convívio com intenso trânsito de viajantes que desembarcam/ embarcam do interior do estado e turistas que chegam de diversos lugares do mundo.

Essa magnitude de trabalhadores dá forma e contribuição cultural e social no que diz respeito à identidade de um povo. Segundo o que Lefebvre (2000) chama de reprodução social, que é reprodução ampliada de capital, isso se insere num processo de reprodução ampliada de relações sociais, ou seja, não existe uma reprodução do velho sem criar um o novo, não existe vida sem história. “Esses momentos são momentos de anúncio do homem como criador e criatura de si mesmo” (LEFEBVRE apud MARTINS, 2000, p. 63).

A maioria dos feirantes, carregadores, vendedores ambulantes e prostitutas que migraram para trabalhar na Feira, deixaram suas localidades de origem em busca de melhores condições de vida para a família, com o objetivo de crescer socialmente. Vários deles chegaram na década de 1970, na ascensão da Zona Franca e do Distrito Industrial, e hoje encontram-se desenvolvendo atividades diferentes das quais foram almejadas.

Salazar (1992) faz algumas reflexões acerca do quantitativo de migrantes (homens e mulheres), advindos do interior do estado do Amazonas assim como de outros Estados brasileiros, na busca de uma melhor qualidade de vida. Estes trabalhadores se depararam com uma realidade diferente do que imaginavam, afinal, migraram em busca de melhores condições e vivenciam algo diferente no contexto da cidade de Manaus. Além disso, o diferencial social leva à marginalização do cidadão, o que pode refletir em diversos fatores, inclusive àqueles relacionados à qualificação profissional, criando uma dificuldade por parte do mercado em absorver esta massa de classe trabalhadora.

Figura 7- Setor de venda de peixes na Feira Manaus Moderna.



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2018.

Antunes (2011) explica que a modernidade traz:

[...] um labor mais qualificado para um contingente cada vez mais reduzido e um labor cada vez mais instável e precarizado para um universo cada vez mais ampliado de trabalhadores e trabalhadoras, ora intensificando intelectual e/ou manualmente os trabalhos dos que se encontram no mundo da produção, ora expulsando enormes contingentes de assalariados que não têm mais possibilidade real de ser incorporados e absorvidos pelo capital e que se somam às fileiras do bolsão de desempregados. Que, entretanto, cumprem papel ativo no ciclo de valorização do valor, em especial pela criação de um enorme excedente de força de trabalho que subvaloriza quem se mantém no universo do trabalho assalariado (p. 417).

Os atores sociais que fazem que o trabalhador da feira seja multifacetado, nem sempre estão na Feira Manaus Moderna. São trabalhadores do porto, proprietários de embarcações, estivadores, carregadores, motoristas de caminhões que despacham/recebem mercadorias de diversas regiões do Brasil e do mundo, taxistas, vendedores ambulantes, catadores de lixo, feirantes, atacadistas e etc. Essa variação facilita as relações de trabalho e poder, especialmente quando se trata de comunicação e, acima de tudo, reitera a potência da rede de interdependência funcional que envolve a compra e a venda na feira, descrita por Matos (2015). Além disso, a feira pode revelar um espaço onde o diferencial social torna o indivíduo em questão vulnerável à marginalidade.

A Feira Manaus Moderna exhibe uma diversidade cultural incomparável na identidade dos seus trabalhadores tanto da origem e lugar do qual eles vieram, como sobre o ambiente socioeconômico em que se situam. Os “microempreendedores” estão espalhados na sociedade no que diz respeito a classes sociais. Não se pode generalizar nesse sentido. A localização em que o empreendimento do trabalhador se situa dentro da feira, o produto que ele comercializa e como o faz, são fatores determinantes para definir o perfil de quem se fala.

SEÇÃO II – TRABALHADORES E CONSUMIDORES: A FACE DA FEIRA MANAUS MODERNA

2.1 Categorização dos Trabalhadores.

A Feira Manaus Moderna é compreendida em sua espacialidade física como um lugar de várias manifestações de trabalho que abriga um conjunto de relações sociais e de poder (HAESBAERT, 2007, p. 55). Neste espaço existem diversas atividades realizadas pelos trabalhadores que envolvem o compartilhamento de saberes e especificidades no que tange às profissões urbanas. Os detalhes de cada função exercida na feira caracterizam o conhecimento e a própria “arte de fazer”, que segundo Certeau (1994), reúne um conjunto de procedimentos ou “maneiras de fazer” que compõem a vida ordinária e que “inventam o cotidiano”. O autor garante que “essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41). Nesta contextualização, pode-se atribuir estas características aos atores que têm a Feira como uma fonte de renda. É o caso observável dos carreteiros, dos carregadores, dos feirantes e, inclusive, dos vendedores informais (desde os vendedores de bugigangas, de refeições, de suco, de rifas, de lanches, etc.).

Nesta pesquisa, faz-se necessário compreender o universo que abrange os agentes sociais envolvidos no processo da Feira Manaus Moderna de forma individual, entender quem são eles e qual a importância das funções que exercem na composição da rede de interdependência funcional que perpassa esse fenômeno. A partir desta necessidade observou-se os agentes sociais possibilitando a categorização de suas atividades.

2.2 Carreteiros

O carreteiro da Feira Manaus Moderna é aquele que desenvolve um trabalho de suporte ao carregamento interno, ou seja, transita com mercadorias dentro e fora da feira e auxilia os clientes no transporte de suas compras por meio de um carrinho de supermercado adaptado. O limite de atuação do carreteiro é indicado pelo cliente: é o consumidor quem define em que local das redondezas a entrega deve ser feita. É muito recorrente a presença dos carreteiros nos vários portões da feira, afinal, é naquele local

estratégico que eles abordam os clientes para iniciar uma relação comercial e, conseqüentemente, a sua jornada de trabalho.

É importante esclarecer que a denominação “carreteiro” também é comumente designada àqueles motoristas de caminhões do tipo carreta, que são transportam artigos, mantimentos, produtos e alimentos para abastecer a feira. Em suma, na definição simplória dos dicionários de língua portuguesa, a denominação “carreteiro” remete àquele que conduz carros ou carretas ou faz carretos (MICHAELIS, 2012). Neste sentido, pode-se perceber que no espaço da Feira Manaus Moderna criaram-se novas configurações e múltiplos significados para a função de carreteiro.

2.3 Carregadores

Na Feira Manaus Moderna o movimento dos carregadores transitando pelo Porto e por toda a orla é intenso. Afinal, a atividade realizada por eles é importante para a composição da rede de interdependência funcional que envolve a feira. Suas funções consistem no carregamento e descarregamento de mercadorias (geralmente vindas do interior) para a feira e vice-versa. Mas os carregadores também fazem a carga e descarga de produtos vindos de outros estados, que não necessariamente são originados de uma logística naval e podem envolver caminhões ou carretas. Estes agentes sociais têm como base de seu trabalho a força física porque o transporte, mesmo que feito em um trajeto relativamente curto dentro e fora da feira, não envolve nenhum tipo de equipamento de apoio.

No Brasil, historicamente os carregadores exerceram um importante papel no transporte de mercadorias e, inclusive, de pessoas no espaço urbano. Os primeiros carregadores eram escravos e chamavam a atenção dos viajantes por fazerem um serviço até então considerado exótico e, principalmente, porque estavam presentes nos espaços sempre em grande número (TERRA, 2007).

Na Feira Manaus Moderna a configuração do trabalho deste agente está relacionada ao preparo da carga e da descarga, à movimentação de mercadorias em navios, caminhões e vagões, à entrega e coleta de encomendas, ao manuseio de cargas especiais, ao embarque e desembarque de mercadorias, etc.

As especificidades corporais deste trabalho braçal nos leva a notar um padrão entre a postura da coluna dos carregadores, sempre curvada de acordo com o peso da carga, que acaba se moldando ao corpo humano. Nota-se também que eles utilizam a cabeça como a base para a sustentação do peso, parte esta onde utilizam um protetor específico feito de tecido.

A corporeidade pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polaridades semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro /mente [...]) constitui a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica (ASMANN, 1998, p. 150).

No trabalho de descarga dos mantimentos que antecede o carregamento propriamente dito também pode-se observar os movimentos repetitivos feitos pelo grupo. Em geral, um dos carregadores se posiciona dentro do caminhão e passa o produto para outro, que está na parte externa. A partir daí este segundo carregador pode passar o produto para um terceiro ou finalizar a atividade alcançando o objetivo de retirar todos os mantimentos afim de organizá-los para posterior transporte na feira.

Figura 8- Carregador na Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2019.

Figura 9- Carregadores na Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2019.

2.4. Feirantes

Utilizando do método de observação e conversas informais com o administrador da Feira Manaus Moderna durante a realização deste estudo, obteve-se a informação de que a SEMACC é a responsável por cadastrar e caracterizar os feirantes do local. Por se tratarem de permissionários, muitas das práticas como o manuseio do alimento, a relação com o cliente e outras peculiaridades desta atividade tiveram influência direta ou indireta da família que comumente trabalhava neste ramo. A consolidação destas práticas, por sua vez, podem ter sido herdadas e absorvidas na construção do habitus.

Bourdieu (2001, p. 91) fala sobre a liberdade que postos ainda não definidos podem proporcionar para àqueles que o ocupam afim de caracterizá-lo:

A definição destes postos mal definidos, mal delimitados, mal garantidos, reside, paradoxalmente, na liberdade que consentem aos seus ocupantes de os definir e de os delimitar introduzindo-lhes os seus limites, a sua definição, toda a necessidade incorporada que é constitutiva do seu habitus. Estes postos serão o que são os seus ocupantes ou, pelo menos, aqueles que, nas lutas internas da profissão e nas confrontações com as profissões afins e concorrentes, consigam impôr a definição da profissão mais favorável àquilo que eles são. Ao seguir a função do pai, o sujeito se identifica com ela e a adota como sua, acatando formas de comportamento correlatas.

No que o autor se refere, pode-se interpretar que muitas das profissões e funções, ainda que muito antigas, permanecem sendo desenvolvidas e ressignificadas ao longo dos tempos devido à diversos fatores, como as novas configurações sociais, ambientais e mercadológicas.

Douglas (2003) afirma em sua obra *Natural Symbols* que um símbolo apenas tem significado quando está relacionado a outro símbolo tomado como padrão. Logo, pode-se compreender que a categoria de feirante está associada diretamente ao termo feira, local este que abriga complexas relações com atores sociais distintos em suas atribuições de obtenção de renda.

2.5 Vendedores informais

O trabalho informal é definido por Cacciamali (2000, p. 163). Segundo a pesquisadora, o termo “informal” está relacionado “à análise de um processo de mudanças estruturais em andamento na sociedade e na economia que incide na redefinição das relações de produção, das formas de inserção dos trabalhadores na produção, dos processos de trabalho e de instituições”.

Na Feira Manaus Moderna observa-se com facilidade a crescente presença dos vendedores informais. Eles ocupam um espaço outrora ocioso situado ao redor da feira com o objetivo de vender frutas, polpas, vegetais, etc. Entretanto, a presença dos informais também existe no espaço interno (coberto) da feira. Neste caso em específico a venda não é feita em um ponto específico, mas exige que o vendedor percorra a feira para fazer o seu produto ser visto. É o caso daqueles que comercializam bebidas, artigos para celulares, sacolas plásticas e cupons de jogos.

Castells (1999) relatou o surgimento de uma nova forma de organização social e econômica que resultou em uma administração descentralizado, individualizando o trabalho e mercados que cada vez ficam mais personificados, fracionando as sociedades e o trabalho.

Os vendedores informais do entorno da feira comercializam seus produtos em via pública. Essa troca geralmente é feita em postos móveis, em barracas, bancas, veículos (é o caso do vendedor de frutas e de comida), carrinhos de mão, etc.

Figura 10- Os vendedores informais da Feira Manaus Moderna.



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2019.

Durante a observação realizada no desenvolver desta pesquisa e conversas informais com o administrador da feira, obteve-se a informação de que os vendedores informais que revendem alimentos (frutas e legumes) obtêm as mercadorias por meios diferentes dos feirantes, por exemplo. Trata-se de um reaproveitamento dos comestíveis descartados pelos feirantes por quaisquer motivos. Os vendedores recolhem os alimentos de onde eles foram descartados (geralmente próximo ao caminhão do lixo), selecionam os melhores deles, reúnem em uma embalagem e formam um “kit” devidamente precificado para venda.

2.6 Consumidor (clientes): A Força do Híbridismo na Feira.

No processo socioeconômico e cultural da Feira Manaus Moderna, os consumidores são partes inerentes pois compõem uma rede de interdependência funcional e invisível. Para Norbert Elias,

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (1994, p.21).

Através de algumas observações em campo foi possível identificar as interações dentro da cadeia invisível da Feira Manaus Moderna, uma dessas configurações se dá entre feirantes e consumidores. Estes elos que os unem são elásticos e mutáveis de acordo com as influências que eles recebem. Nessas configurações sociais, os consumidores ou clientes podem ser classificados em três tipos, como relatados nas pesquisas em marketing de Whiteley (1992): clientes finais, clientes intermediários e clientes internos.

Ainda segundo o autor, clientes são todos aqueles cujas decisões determinam se um negócio irá prosperar (WHITELEY, 1992). Neste sentido, pode tratar-se de um grupo complexo e de múltiplas camadas, mas é preciso conhecer e servir todos os seus componentes para garantir a prosperidade. As especificações dos tipos de clientes também são narradas pelo autor:

Clientes Finais: pessoas que buscam os seus produtos no dia a dia, corriqueiramente, para consumo próprio, conforme se espera;

Clientes Intermediários: trata-se normalmente de distribuidores ou revendedores que tornam os produtos disponíveis para o cliente final;

Clientes Internos: pessoas da organização a quem se repassa o trabalho concluído a fim de desempenharem a próxima função na direção de servir os clientes intermediários e finais.

No que se refere ao conceito de cliente definido por Whiteley (1992), nota-se que a rede de interdependência funcional e invisível da Feira Manaus Moderna constitui parte essencial desse processo, atribuindo aos clientes as características de finais, intermediários e internos, de acordo com o seu perfil de consumo e as figurações envolvidas.

Na feira, o cliente final é aquele que compra mantimentos para consumo próprio e familiar. No tocante aos clientes intermediários, observou-se durante a madrugada, entre as 02h30 às 06h00 da manhã o movimento de comerciantes de outros bairros, assim como empresários de restaurantes e de cozinhas industriais entre outros, que realizam compras em grande quantidade para revenda, ou para uso e fabricação de outros produtos. Quanto às características dos clientes internos, a cadeia de interdependência funcional se torna ainda mais intensa, pois o feirante que vende o produto in natura é o mesmo que o consome já processado em outras circunstâncias. É o caso por exemplo dos vendedores de suco informais da feira. Eles compram o insumo do seu produto (suco) que pode ser a polpa ou fruta com o feirante e posteriormente, em outra etapa do processo da rede de interdependência funcional, vendem a bebida para o próprio cliente interno e demais outros clientes inseridos neste contexto da Feira Manaus Moderna, de acordo com as especificações de clientes já expostas neste estudo.

Mediante o desenvolver desta pesquisa, observou-se que a Feira Manaus Moderna é um ambiente culturalmente híbrido, ou seja, os processos transformadores da cultura são articulados aos fluxos do mundo moderno, principalmente à circulação de mercadorias, pessoas e informações. Segundo, Canclini (2006), esses processos socioculturais existentes, sejam estruturas, sejam práticas distintas que existiam de maneiras separadas, se cruzam e produzem novas práticas distintas.

Nesta contextualização, são notórias as interferências culturais existentes no consumo na feira, na maneira como alguns produtos que não são de origem amazônica e sim de outras regiões do Brasil e do mundo, caíram no consumo popular do amazonense. Exemplo deste fato é o morango, o cogumelo shimeji e as demais frutas e legumes que são comercializados na Feira Manaus Moderna mas não tem origem e vínculos culturais e ambientais com a tradicional gastronomia e a produção local. Este processo de hibridismo cultural intensificou-se com a integração e com a consequente migração de outras culturas para o Amazonas, conforme afirma Canclini (2006, p.19):

[o hibridismo]... abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo,” mestiçagem “– e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que „sincretismo“, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais.

Portanto, o hibridismo cultural da Feira Manaus Moderna não está relacionado apenas ao produto vendido ou consumido, mas às pessoas que constituem o espaço (permissionários ou não) e ao *habitus*. Esse hibridismo representa a miscigenação de culturas distintas inseridas em um espaço único, alterando as práticas de trabalho, sociabilidade, trocas de conhecimento e de consumo diferenciadas no contexto tradicional local. Neste sentido, o hibridismo representa a diversidade e a ressignificação do consumo de produtos comercializados na feira, o que consequentemente impacta nas prateleiras dos boxes quando o feirante decide qual produto irá comercializar de acordo com a demanda.

2.7 Os Atores sociais da feira Manaus Moderna como Integrantes de uma Rede de Interdependência Funcional.

O pensamento teórico-metodológico de Norbert Elias no que diz respeito às redes de interdependências funcionais e invisíveis fundamenta esta pesquisa sobre a Feira Manaus Moderna e os atores que constituíram o processo civilizador.

O processo civilizador que entrelaça a Feira Manaus Moderna trouxe consigo transformações socioculturais no decorrer dos tempos, das miscigenações de culturas e migrações existentes no local. Segundo Elias (1994, p. 193-194):

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas (1994, p. 193- 194).

Neste contexto, analisa-se que as transformações ocorridas gradualmente na Feira Manaus Moderna tiveram características racionais e se deram por meio de qualquer educação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A transformação aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um princípio específico de ordem.

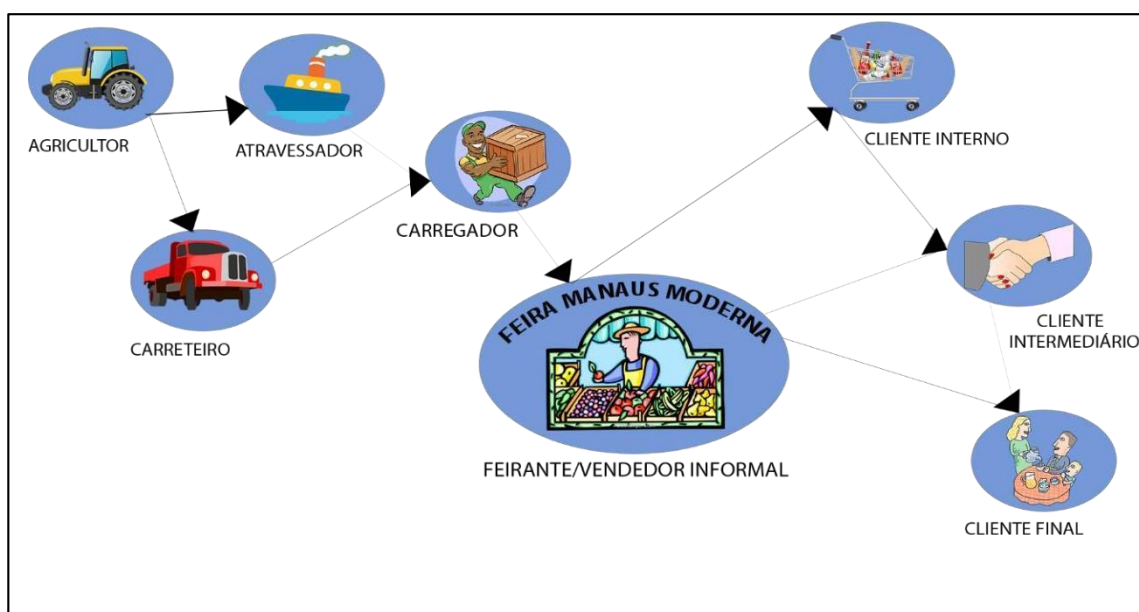
No processo de figuração das redes de interdependência, as etapas que estão sendo ilustradas na Figura 11 dizem respeito à trajetória dos alimentos (frutas, legumes e verduras) que têm como ponto de encontro a Feira Manaus Moderna. É importante salientar que é essa rede que sustenta a presença ou a ausência do produto na feira. A ausência de qualquer um dos indivíduos que a constituem pode causar uma falha no processo. Neste sentido, tem-se que a Feira Manaus Moderna passa por dois momentos: a vazante e a enchente. Cada um deles, em suas peculiaridades, pode afastar o produtor ou aproximá-lo, de acordo com o tipo de alimento em questão. Além disso, essas fases exercem influência direta no preço do produto comercializado e na presença deles nas prateleiras dos feirantes e vendedores informais.

Elias (1980) reafirma a ótica da figuração da rede de interdependência:

No seio das configurações mutáveis – que constituem o próprio centro do processo de configuração – há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração (Elias, 1980, p.143).

No que se refere ao conceito de figuração, faz-se necessário entendimento dos elos de interdependência, que norteiam a existência das Feiras e sua resistência às mudanças de comportamento do modo de fazer feira no decorrer do tempo. Ao que se observa as redes de interdependência em suma suas figurações proporcionam o entendimento maior da complexidade do comportamento dos indivíduos, cuja as práticas de subsistência, ou seja, as práticas para manutenção da vida, foram gradativamente sendo ressignificadas pela ampliação da rede invisível de consumidores e clientes.

Figura 11- Sujeitos que compõem a rede de interdependência funcional da Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2019.

2.8. O Conhecimento compartilhado e o Etnoconhecimento.

A Feira Manaus Moderna é essencialmente um espaço onde as vivências, as práticas de trabalho e a divisão de atividades adquirem uma característica de compartilhamento. A representatividade da feira nos hábitos de consumo e costumes dos consumidores se dá por meio da diversificação do saber difundido no processo das operações de manipulação dos alimentos expostos nesse ambiente pelos feirantes e demais trabalhadores previamente categorizados neste estudo. Neste sentido, o Etnoconhecimento é uma característica que se mostra presente e fundamental para a sustentação da rede de interdependência funcional a qual a Feira Manaus Moderna está envolta. É essa característica que oferece uma perspectiva de compreensão as formas de convivência do indivíduo com seu meio. O Etnoconhecimento está relacionado com os saberes e com as tradições transpassadas por gerações em um grupo social. Esses saberes são aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais (NASCIMENTO, 2013).

Na Feira Manaus Moderna, o Etnoconhecimento acontece de maneira a manter aspectos tradicionais deste ambiente ao mesmo tempo que o altera e o ressignifica de acordo com o tempo-espço em que as práticas compartilhadas se situam. Durante a pesquisa de campo pode-se observar o quanto é comum a narrativa das experiências das pessoas presentes no local, tanto trabalhadores como clientes. Desta forma, nota-se que o espaço com facilidade se torna um ambiente de interação e compartilhamento de vivências. Em relação às práticas de trabalho, o manejo e conservação do peixe e dos alimentos em geral, a forma de expor a venda continua da mesma forma há anos. Do mesmo modo, o consumidor que compra o peixe tem a prática muitas vezes de tocá-lo e sentir o cheiro, prática que também é considerada primordial para saber se o produto é de qualidade. A exposição da maioria dos produtos se dá tradicionalmente em bancadas. No caso dos peixes, carnes e outros alimentos altamente perecíveis, embora hajam freezers no local, a conservação é feita primordialmente em isopores com gelo.

O Etnoconhecimento presente no ambiente dos feirantes está relacionado com a experiência associada ao manejo dos alimentos na feira, que possui práticas que transcendem as mais diversas técnicas utilizadas atualmente em outros ambientes que comercializam esses produtos, como supermercados e atacadistas. Esta prática cultural adquirida ao longo dos anos encontra em sua subsistência um dos fatores determinantes para escolha deste meio de vida. Escobar (2005) corrobora com esta afirmação quando diz que a feira é um local onde os modelos de cultura e conhecimento baseiam-se em processos históricos, linguísticos e culturais, e apesar de não se isolarem das histórias mais amplas, retêm certa especificidade no local.

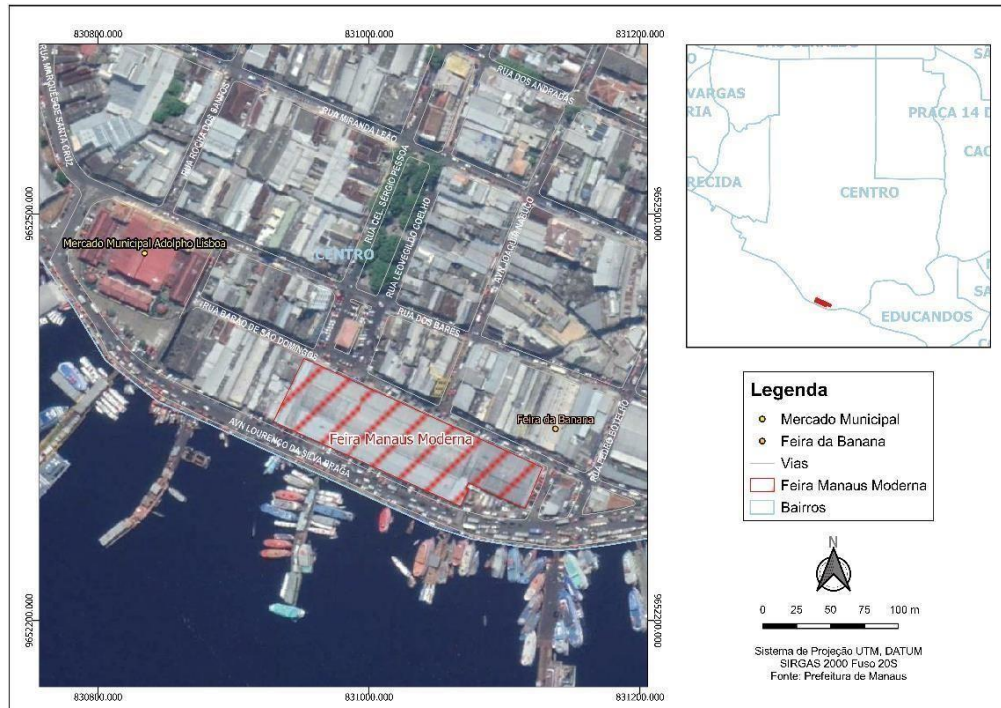
2.9 Impacto sobre a Vizinhaça

A partir dos anos 70 que foi intenso processo de urbanização da cidade de Manaus começou a tomar forma, impulsionado pelo crescimento da população (BENTES, 2014). Na região que envolve à Feira Manaus Moderna e o porto muitas foram as modificações sociais, econômicas e espaciais.

O processo de esvaziamento da economia levou à concentração de uma massa de desempregados às margens dos igarapés que tangenciam o porto e o mercado, áreas que foram desprezadas pelos habitantes de alta renda. A saturação de áreas disponíveis ao assentamento residencial na periferia do núcleo urbano levou à construção de casas-palafitas, junto às margens dos cursos d'água (PNUMA/MMA, 2002, p. 28).

Ao estudar sobre os impactos das atividades da Feira Manaus Moderna na vizinhança é preciso refletir sob o contexto de dois bairros: Educandos e Centro. Isso porque a partir do desenvolvimento das atividades da Feira e incentivado por ele, nota-se o processo de apropriação e transformação da paisagem dos arredores.

Figura 12-Mapa de Geolocalização da Feira Manaus Moderna e Adjacências.



Fonte: Acervo Pessoal da autora, 2019.

No Mapa acima ilustra uma grande malha fluvial ao redor da Feira Manaus Moderna e Adjacências. Por ser uma região banhada por rios e igarapés, o Educandos se caracterizou como um bairro que estrategicamente recebia inúmeras embarcações que traziam alimentos e mercadorias do interior do estado. Como não havia um porto para descarga, na época, o catraieiro representava a categoria de trabalhadores responsável pelo embarque e desembarque também de passageiros (ANDRADE, 2007).

Também é no Educandos que existe uma grande atuação de feirantes e a comercialização de alimentos e produtos é parte integrante do desenvolvimento da economia do bairro. A proximidade com a Feira e com o Porto da Manaus Moderna mais recentemente fez com que a atuação de grandes redes de supermercados atacadistas se instalasse no bairro.

As palafitas construídas nas margens do rio no bairro de Educandos são facilmente vistas sob o espaço da Manaus Moderna de modo que a Feira faz parte da vida dos

moradores desses locais. À medida em que o espaço da cidade de Manaus se transforma, são reveladas novas configurações no espaço-tempo e a preservação dos espaços naturais e o sentido cultural deles passam a ser substituídos pelo peso do capital. Os igarapés passam a ser aterrados para virarem avenidas e alguns hábitos, como o de lavar roupa às margens do rio começam a se perder.

O Prof. Dr. Raimundo Pontes Filho em sua obra "Logospirataria na Amazônia" discute esse conceito o relacionando com uma combinação de fatores que levam à destituição de culturas e valores presentes em grupos, sociedades e povos, especialmente no espaço amazônico. Neste sentido, o autor afirma que:

A logospirataria como um processo devorador de povos e de culturas, embora tenha encontrado na Amazônia ocasião de decorrência paradigmática, não se limita a esta região do planeta nem ao seu tempo, mas teve sua manifestação anotada desde a remota antiguidade, quando da violência do escravismo, da opressão e do genocídio de povos imposta a outros povos, da dominação extrema de Estados tirânicos ou imperiais imposta contra outros Estados (FILHO 2017, pág. 133).

Com as mudanças ocorridas tanto no espaço físico quanto imaginário nos arredores da Feira Manaus Moderna pôde-se observar a influência da logospirataria sobre as redes de interdependência que envolvem a vizinhança.

A poluição dos igarapés e rios que banham o Educandos, por exemplo, é uma problemática recorrente durante o ano todo, mesmo em época de vazante. Não é incomum a necessidade de a Prefeitura organizar uma força-tarefa com o objetivo de diminuir os danos ambientais que são gerados principalmente pelos dejetos da Feira Manaus Moderna à água desses rios e igarapés. Por consequência disso, as famílias que moram próximo dessas áreas estão submetidas à doenças, entre outras mazelas que envolvem questões de saúde pública.

O desenvolvimento das cidades transforma a rotina e as condições de vida das populações rurais e urbanas. Sternberg (1998) apresenta que a oscilação do nível das águas, causam danos a vida da comunidade. Desta forma, é uma realidade constante das cidades situadas a beira dos rios.

Neste caso, no período de cheia do rio essa situação se torna ainda mais grave, afinal, o volume da água sobe e invade as principais ruas do Educandos e do Centro, consequentemente afetando o trânsito e a qualidade de mobilidade nestes locais que dão acesso à Feira.

Com a chegada do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM no Centro a característica residencial se tornou ainda mais forte. Em alguns meses específicos do ano, principalmente aqueles que envolvem datas comemorativas especiais, o movimento na Feira é muito maior do que em períodos comuns. Este aspecto afeta a população do Centro e do Educandos em vários pontos. Quando se fala no trânsito nos arredores da Manaus Moderna, por exemplo, tem-se uma grande problemática para a vida cotidiana dos moradores dos bairros vizinhos.

Segundo o IBGE (2010), o Centro figura entre os dez maiores rendimentos dos responsáveis por domicílios. No entanto, observa-se uma grande desigualdade social, entorno da feira Manaus Moderna.

Por ser uma região portuária, a presença do transporte de drogas oriundas de outros municípios é bastante comum. Os arredores da Feira revelam pontos de tráfico de drogas que envolvem os atores sociais que fazem parte da feira neste laço. A região que envolve a Feira Manaus Moderna é considerada insegura, principalmente no período da noite. Segundo dados da Secretaria de segurança Pública do Estado do Amazonas (SSP-AM/2019), o tráfico de drogas foi o crime com maior número de denúncias neste ano via disque 181. Este é um serviço de telefonia gratuito que atende solicitações de todo o Amazonas. Foram 7.013 denúncias que representaram 68,6% do total de relatos.

Logo, quando se observa a resignificação de uma ampla rede de interdependência notam-se também novas configurações no contexto social, cultural e econômico tendo como ponto de convergência desse processo a Feira Manaus Moderna e as atividades referentes a ela. Por este motivo faz-se necessário compreender os impactos causados pela feira ao espaço ao seu redor tendo em vista a organização social e a iniciativa da aplicabilidade de políticas públicas que se adequem à essa realidade e para melhorá-la.

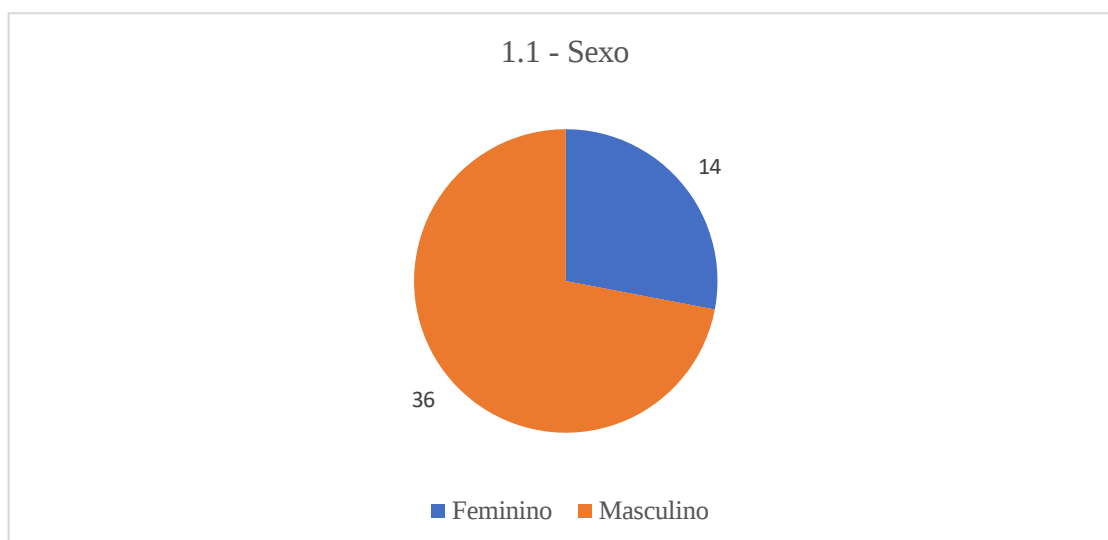
SESSÃO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os sujeitos participantes deste estudo, serão retratados através de gráficos e Tabelas , onde 50 são feirantes e 50 são consumidores, que responderam as questões formuladas (Apêndices C E D) , acatando princípios éticos e conforme orientações do comitê de ética da Universidade Federal do Amazonas UFAM que aprovou esta pesquisa sobre o protocolo nº 3.691.265, os quais não foram identificados.

3.1. Feirantes

3.1.1 Levantamento sociológico do Feirante

Gráfico 1- Sexo

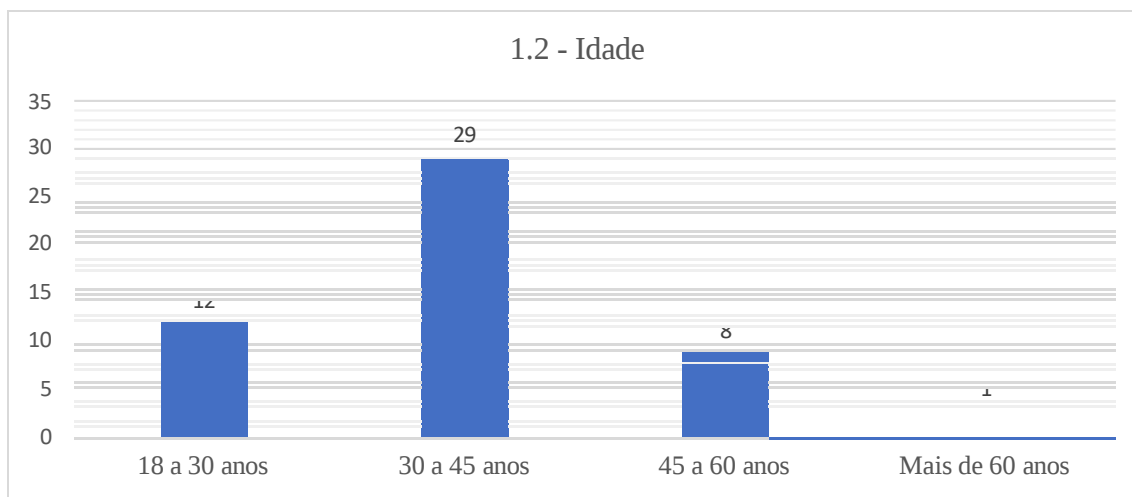


Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 1: Demonstra que a expressiva maioria dos feirantes da Manaus Moderna, são compostos por 72% homens e 28% Mulheres, não há dúvidas que o esforço físico de alta intensidade são necessários para execução das atividade laborais, sob pena de não conseguirem permanecer nesta atividade por muitos anos. Segundo Matos (2015, p.228) ,ao analisar a condição física do esforço no “puxirum” observou que do ponto de vida fisiológico é preciso destacar a necessidade boa condição física dos indivíduos que do puxirum desempenham algumas funções”, o trabalho na Feira Manaus Moderna é altamente braçal, por essa razão não houve surpresa por parte da pesquisadora em identificar a presença .da maioria dos trabalhadores masculina. Acreditamos também que

a questão da tradição familiar quando o trabalho é passado de pai para filho a presença do homem a frente do sustento da família, por se tratar de serem permissionários há anos naquela feira, como diz a sabedoria popular “*filho de peixe, peixinho é*”.

Gráfico 2- Faixa Etária dos Feirantes

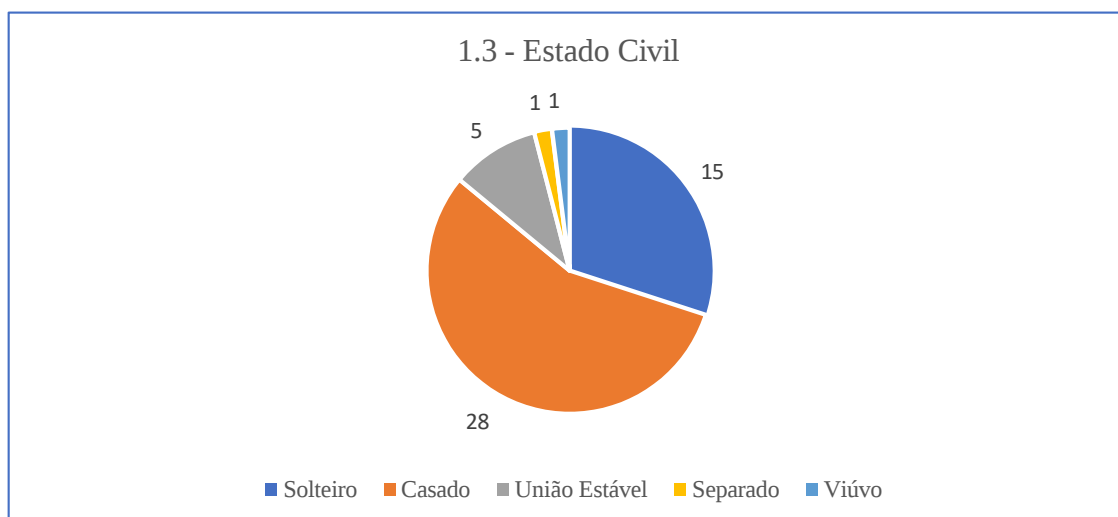


Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 2 – Observa-se conforme o gráfico que maioria dos feirantes da Feira Manaus Moderna cerca de 58% tem idade entre 30 á 45 anos, revelando tratar-se de um negócio de família passando de pai para filho, através dos conhecimentos transmitidos de forma empírica. Conforme Norbert Elias

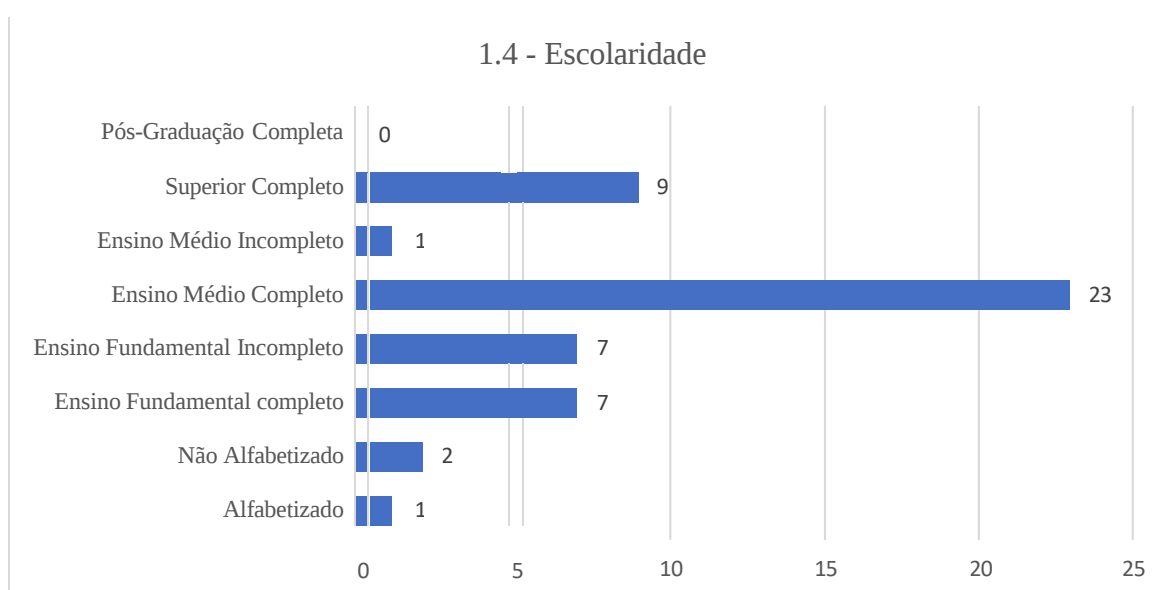
Uma geração os transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto esta cristalização de experiências passadas e situações retiver um valor existencial – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras (ELIAS, 1990, p. 26).

Seguramente o pensador, refletiu que a transmissão de conhecimento de gerações e gerações é um elo de fator de troca que os une na subsistência e permanência da atividade exercida dentro da Feira Manaus Moderna.

Gráfico 3- Estado Civil

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

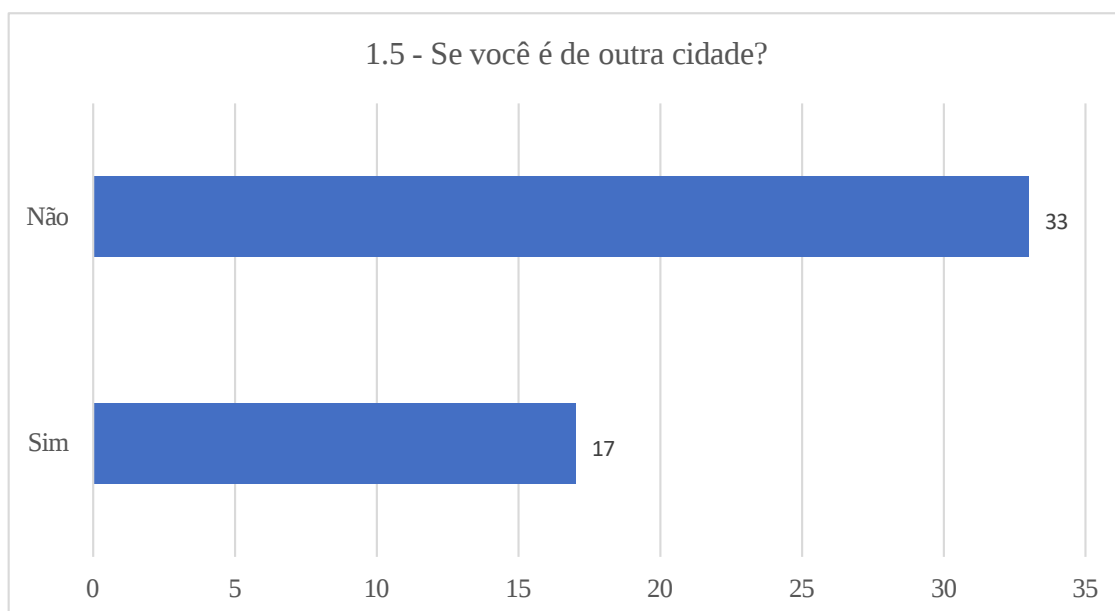
O Gráfico 3– Neste item a pesquisa expõem que em suma 56% dos entrevistados são casados. A atividade laboral da feira Manaus Moderna não sustenta um status de maneira a trair jovens solteiros, ora por conta da rotina de trabalho a partir da madrugada, ora por quanto a invisibilidade que atividade feirante apresenta na sociedade, uma vez que as pessoas enxergam o trabalhador em função da atividade que exerce. Numa sociedade em que os jovens solteiros buscam, visibilidade, status e reconhecimento social não é surpresa que a expressiva maioria dos feirantes sejam casados (TAVEIRA, 2017).

Gráfico 4- Escolaridade dos Feirantes

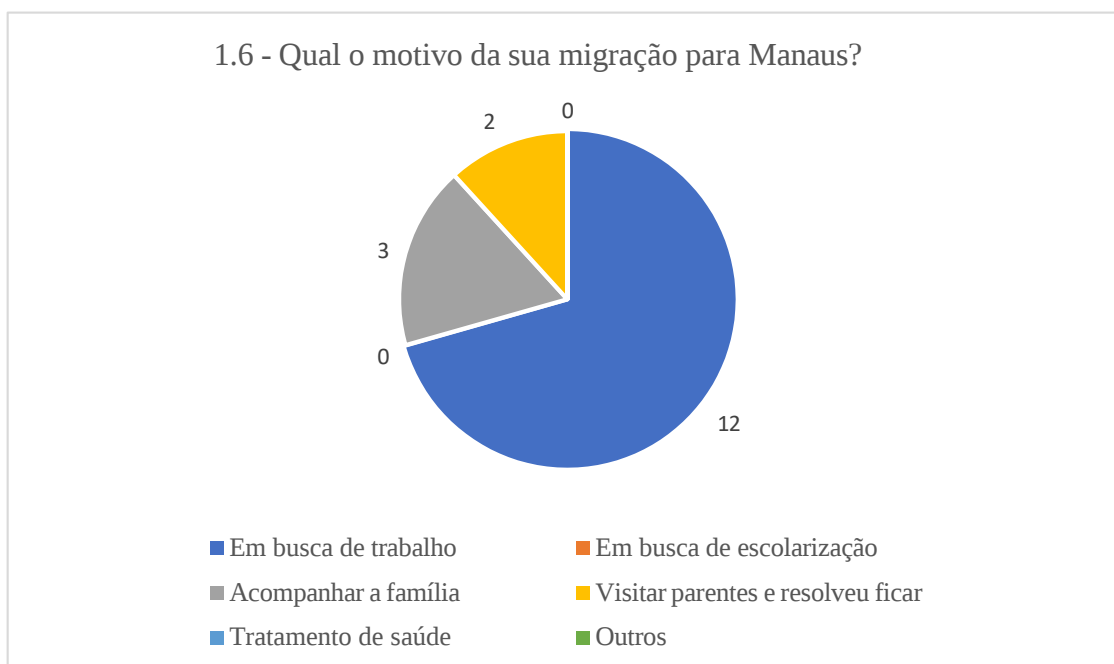
Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 4 - No que se refere ao quesito escolaridade dos Feirantes, é revelador que 50% deste possuem o Ensino Médio completo e 18% com Ensino Superior completo, este fator remeter a uma significativa a uma consciência em busca de capacitação e conhecimento, que faça jus aos tempos modernos de alta competitividade, pois algumas incursões durante a pesquisa de campo, esta pesquisadora pode constatar a preocupação de alguns em aprender um segundo idioma (inglês), pois compreendem que trata-se de um espaço multicultural com a presença de atores sociais oriundos de outros estados. Nesse processo, é importante a transmissão de conhecimento formais e saberes empíricos, que altera a percepção da realidade diante do instinto de sobrevivência, segundo o pensador (NODA 2007).

Gráfico 5- Se você é de outra cidade?



Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

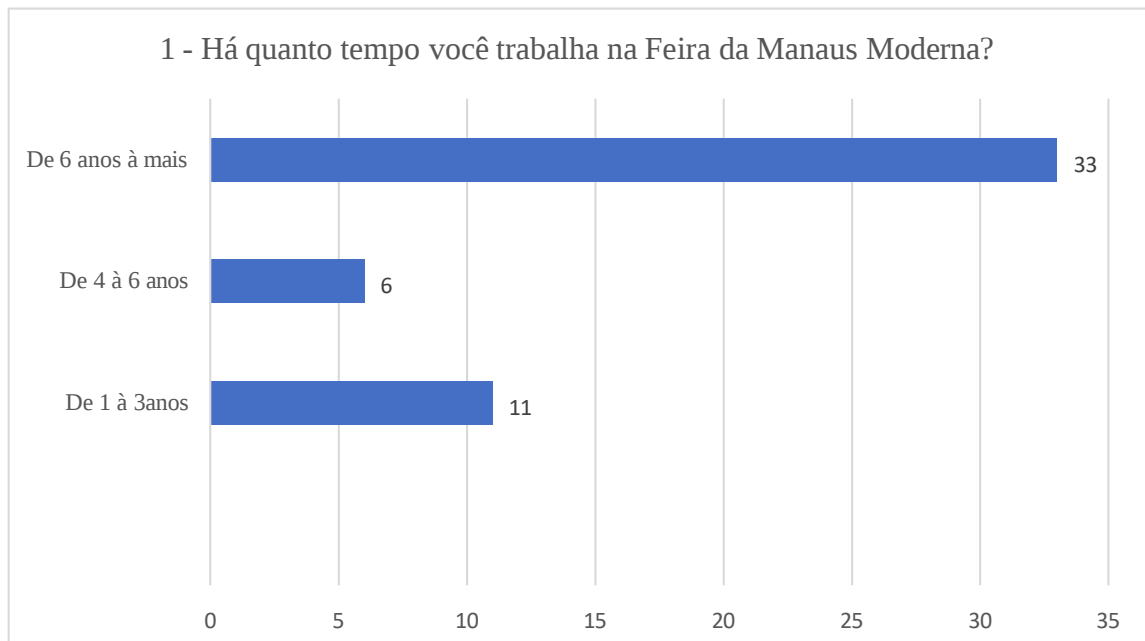
Gráfico 6- O motivo da migração para Manaus

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

Os Gráficos de número 5 e 6: Retratam que na amostra de 66% do entrevistados são da cidade de Manaus, sendo que 34% tem uma representatividade significativa de origem de outros estados do Brasil. É inegável a migração dos trabalhadores oriundos de outras cidades Brasileiras especialmente do estado do Ceará., conforme retratado no gráfico VI, onde o percentual de 70%, deu como motivo da migração para Manaus a busca pelo trabalho, justifica-se pelo fluxo migratório ocorridos em fins do século XIX, quando muitos nordestinos deixaram sua terra natal com destino a Amazônia em busca de melhores de condições de vida. Segundo Benchimol (1999), a Amazônia recebeu uma considerável massa humana de imigrantes nordestinos conhecidos como cearenses, procedentes das zonas do agreste e sertão do Ceará, tangidos pela seca e pela fome, bem como pela implantação do modelo econômico Zona Franca de Manaus implantado na década de 1960, que substituiu o extrativismo da época da borracha. Isso faz com que a Feira Manaus Moderna tenha absorvido em grandes quantidades de imigrantes.

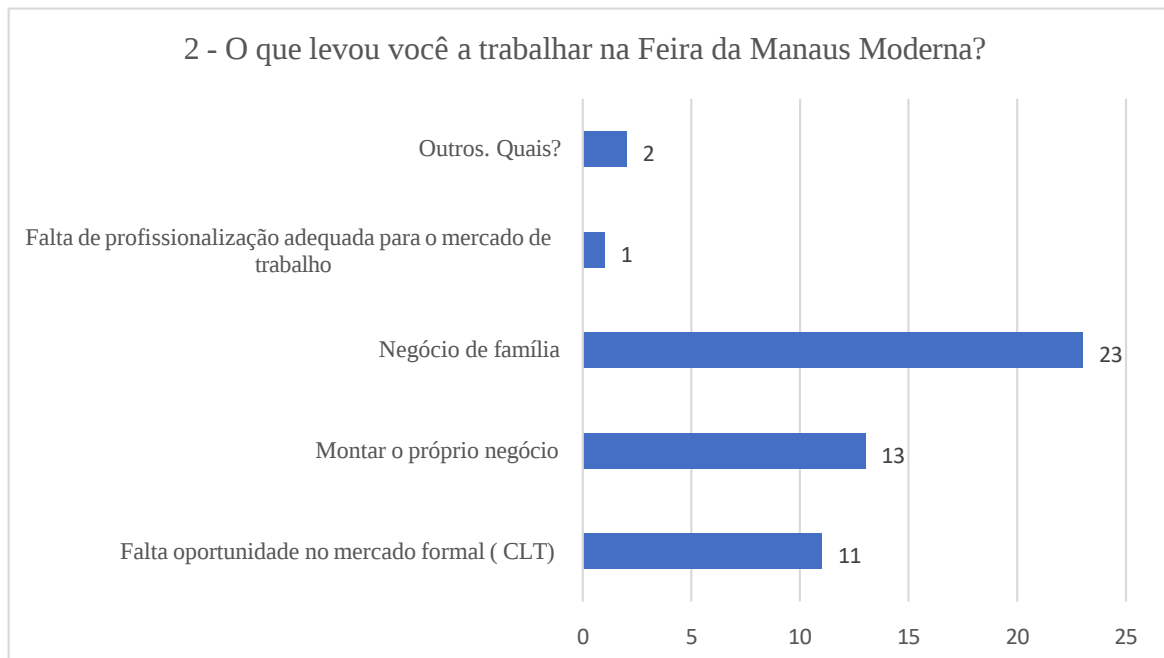
3.1.2 Levantamento de questões específicas de campo

Gráfico 7- Há quanto tempo o feirante trabalha na Feira Manaus Moderna



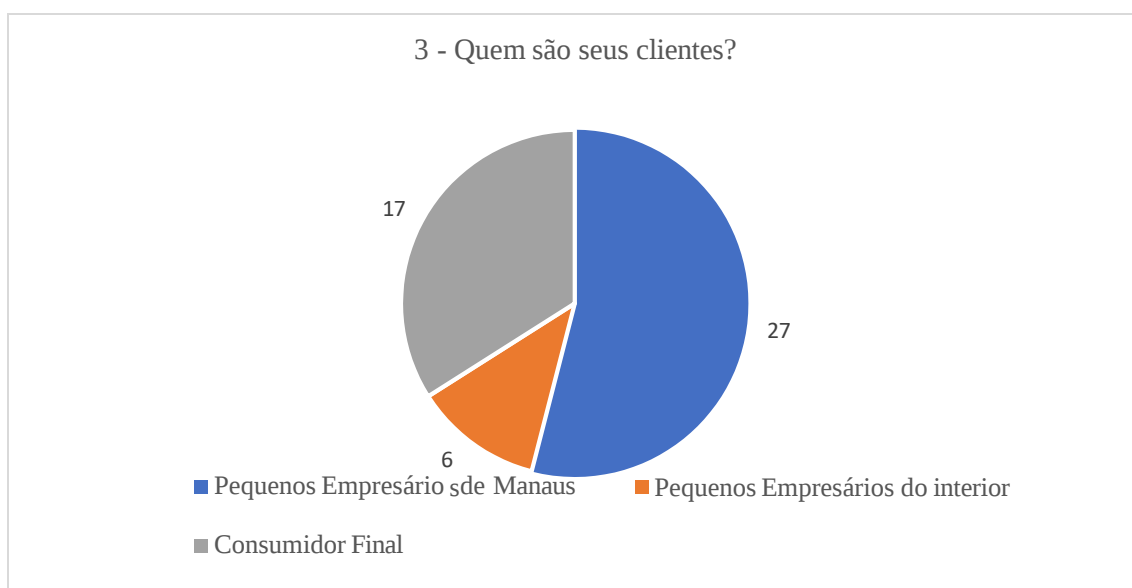
Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 7: Realmente durante as investigações de campo foi detectada a antiguidade da atividade executada pelo feirante na Feira Manaus Moderna, conforme demonstrado no levantamento sociológico, conforme apresentada neste gráfico cerca 66% estão praticando esta atividade de feira mais de 6 anos. Segundo Bourdieu (1983), a prática social é uma relação dialética entre a situação concreta e o *habitus*, o pensador compreende como um conjunto de predisposições historicamente estruturadas a partir da experiência de cada ator social.

Gráfico 8- O motivo levou o feirante a trabalhar na Feira Manaus Moderna

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 8: Neste presente gráfico, relata que cerca de 46% indicaram que exerce a atividade feirante por ser negócio transgeracional. Segundo Martins (2001), a prática laboral em família, é uma rede de relacionamento de várias gerações, em vários lugares, muito mais que um grupamento familiar nuclear como supõem os pesquisadores interessados em temas econômicos.

Gráfico 9-Quem são os clientes?

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

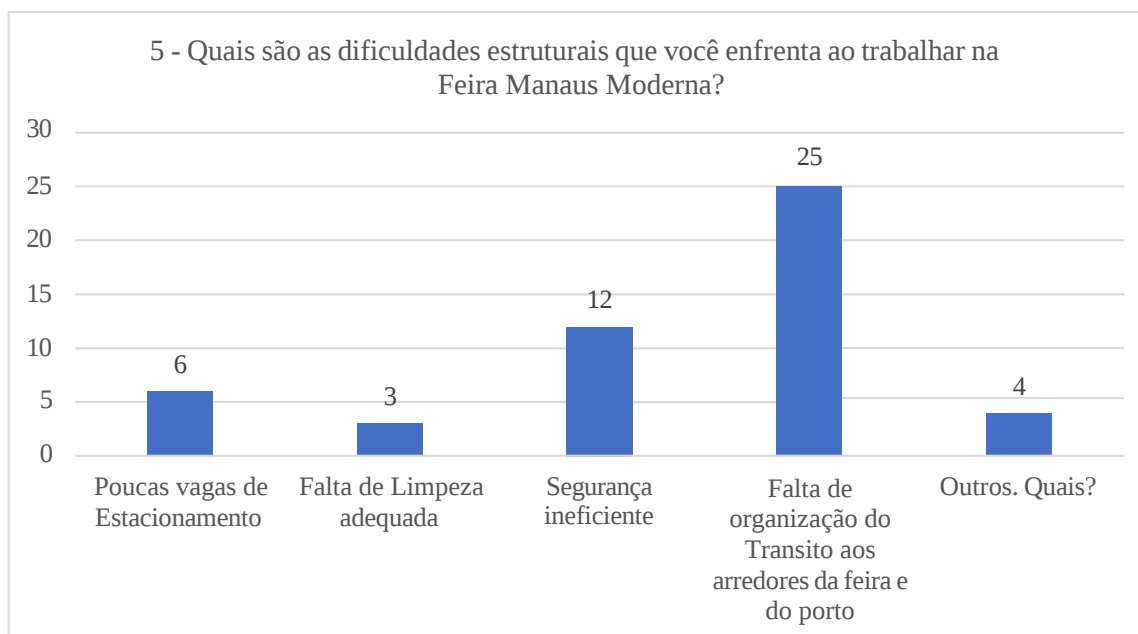
O Gráfico 9: O gráfico demonstra que segundo os feirantes 54% dos seus clientes são constituídos por pequenos empresários de Manaus, sabe-se que a Feira Manaus Moderna sua atividade econômica é dividida em Atacadista e Varejista. Considerando a lei da oferta e da procura, quanto maior a quantidade vendida menor é o preço Sandroni (2003), não há surpresa nesta pesquisa que os grandes dos feirantes da Manaus Moderna sejam atacadistas de Manaus.

Tabela 1 Quais são os seus principais fornecedores ou parceiros? De qual local eles são?

Colocação	Fornecedores/ Lugar	Quant.	%
1º	Rio Preto da Eva (AM) , Fortaleza e Boa Vista (RR)	7	14%
2º	Manacapuru (AM) e Feira da Panair	6	12%
3º	Iranduba	6	12%
4º	Presidente Figueiredo (AM)	5	10%
5º	Altazes (AM) e Anorí (AM)	4	8%
6º	São Paulo (SP) e Salvador (BA)	4	8%
7º	Barreirinha, Oriximiná (PA),	4	8%
8º	Santarém (PA)	3	6%
9º	Lábrea (AM)	3	6%
10º	Uarini e Anamã /AM	3	6%
11º	Goiânia (GO)	3	6%
12º	São Gabriel da Cachoeira (AM)	2	4%
Total		50	100%

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

Conforme a **Tabela 1**, o abastecimento da Feira Manaus Moderna é realizado expressivamente pelo Município de Rio Preto da Eva, município da região metropolitana de Manaus que se destaca na produção e fornecimento de hortifruti, principalmente laranja. Segundo Araujo (2019) a cidade de Rio Preto da Eva, sua base econômica é voltada para agricultura de oleicultura e hortaliças, seguindo de aquicultura e a bovinocultura. Nesta sequência a cidade de Fortaleza/Ce abastece a feira com as folhagens, principalmente o cheiro verde item importantíssimo da culinária amazonense, justificado pelas questões de alagamento das terras de várzea durante o período chuvoso na Amazônia. Entretanto vale ressaltar o abastecimento do peixe regional através da Feira Panair por se tratar de um porto pesqueiro em Manaus.

Gráfico 10-Dificuldade estruturais enfrentadas pelos feirantes

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

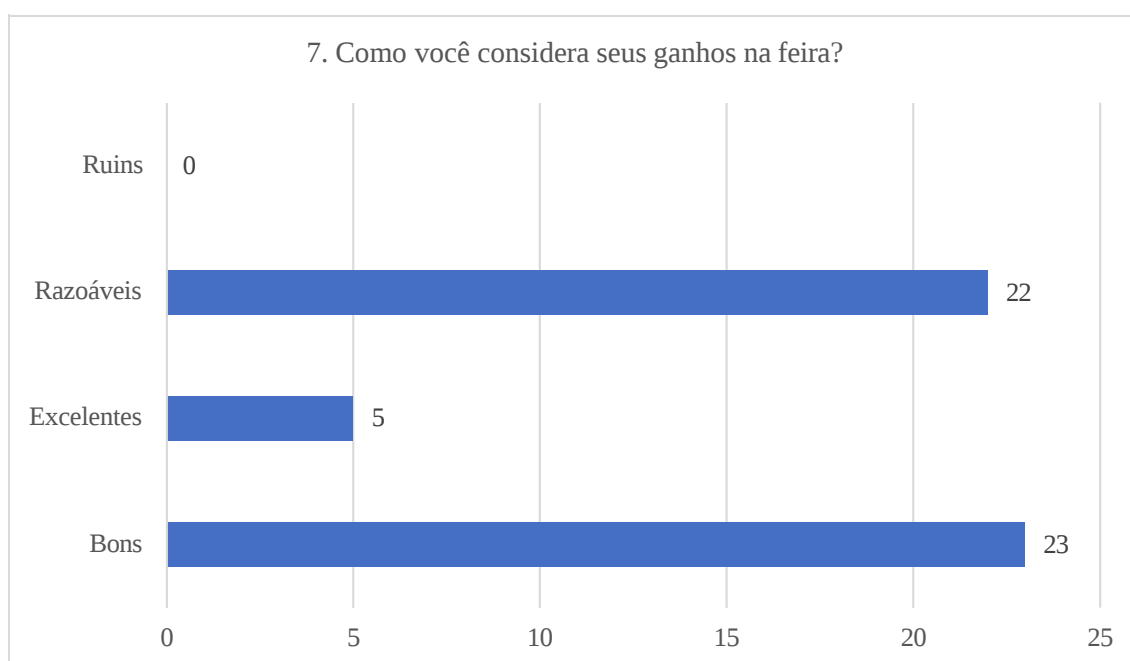
O Gráfico 10: A falta de organização no trânsito no entorno da Feira Manaus Moderna, foi categoricamente informada pelos feirantes como o item de maior dificuldade estrutural enfrentadas naquele espaço (50%) e (24%) dos sujeitos participantes nesta pesquisa apontaram a falta de segurança como item de dificuldade, isso se deve ao fato de que a região central de Manaus que abriga o centro histórico da cidade, apresentar quadro de criminalização. A dinâmica social se nutre do conflito a convivência social em espaço quer seja de lazer ou de trabalho não é harmoniosa a Feira Manaus Moderna sua localização é espremida entre a cidade e o rio. Configurando a lógica do capitalismo no espaço urbano, tendo a logística deste espaço afetada pelo fato que a Cidade Manaus é abastecida em boa parte de seus insumos advindas do interior. Segundo Santos (1988, p. 25) a abordagem do espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais.

Pergunta 6 – Quais as expectativas dos feirantes para o futuro em relação a Feira Manaus Moderna.

Segundo a pesquisa de campo 16 feirantes informaram que precisa melhorar a estrutura pro cliente ao tange o estacionamento e segurança ao redor da Feira Manaus. Por outro lado, 13 feirantes apostam numa melhoria em relação as condições econômicas

do Brasil, pois entendem que se as pessoas estiverem empregadas vão ganhar mais e gastar mais assim melhorando as vendas. Porém, existe uma corrente pessimista 11 feirantes que não vê muita expectativa de futura no negócio da Feira Manaus Moderna demonstrando uma certa conformidade com a situação em que se encontra. Cerca de 10 feirantes disseram que as vendas caíram devido em virtude do caos em que se tornou o trânsito nas adjacências da Manaus Moderna e bem como insegurança. Santos (2010), nos alerta a globalização está na centralidade do consumo alterando a vida de todos e suas percussões sobre as perspectivas das pessoas, a expansão do desemprego é um contraste com relação a multiplicação dos objetos e serviços com a acessibilidade improvável, dificultando os consumos tradicionais.

Gráfico 11- Como os feirantes consideram os ganhos na Feira?



Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 11: (46%) dos Feirantes consideram que seus ganhos financeiros são bons e (44%) responderam que seus ganhos são razoáveis. A Feira Manaus Moderna pelo fato de abastecer todas as outras feiras secundárias tem papel significativo no fornecimento de hortifrutigranjeiros, é nítido que o fornecimento aos atacadistas demonstrado no gráfico IX, alavancam os ganhos deste trabalhadores, uma vez que nossa matriz econômica é baseada nas Indústrias no Polo Industrial de Manaus, cuja as fábricas, que empregam acima de 85 mil trabalhadores SUFRAMA (2019), tais indústrias por fornecerem refeição no local, sendo portanto transforma-se em grandes compradores

através de seus terceirizados no fornecimento de refeições comprando (através dos atacadistas) da Feira Manaus Moderna.

3.2 Consumidores

3.2.1 Levantamento sociológico dos consumidores

Os sujeitos participantes desta pesquisa conforme amostra totalizaram 50, apresentaram as seguintes características:

Sexo: 56% Homens e 44% Mulheres

Idade: O mais jovem de 18 anos e o mais idoso com mais de 60 anos.

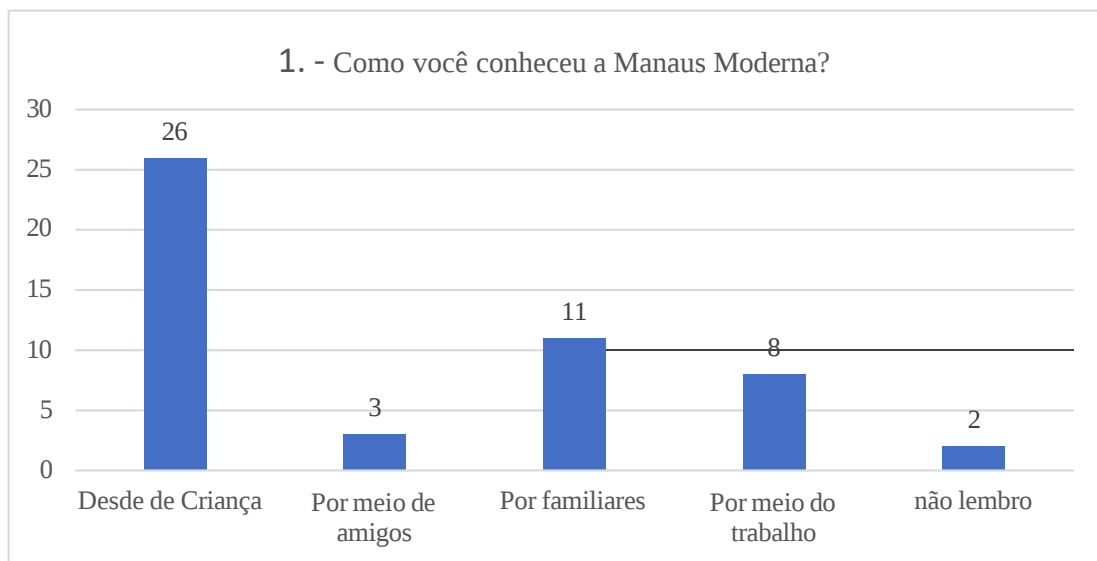
Estado Civil: 50% casados; 22% União Estável; 18% Solteiro; 6% Separado; 4% Viúvo.

Escolaridade: 32% Ensino Médio completo; 28% Ensino Superior completo; 18% Ensino Fundamental completo; 12% Ensino Médio Incompleto; 8% Ensino Fundamental Incompleto; 2% Alfabetizado; 0% Não Alfabetizado.

Renda Mensal: 40% De 2 a 3 Salário Mínimo; 36% Mais de 3 salários mínimos; 24% De 1 salário Mínimo.

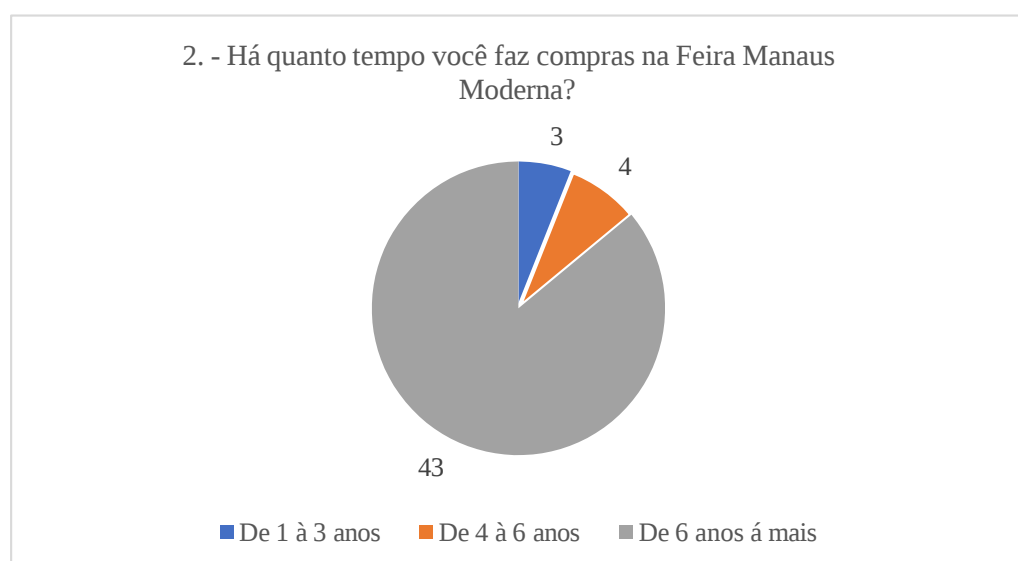
O perfil sociológico do consumidor da Feira Manaus Moderna trata-se de um consumidor escolarizado de classe média baixa, com uma idade média 39 anos, é um sujeito que tem uma determinada maturidade, uma vez que o ato de fazer “feira” requer uma rotina nas primeiras horas da manhã, ou seja, não é uma atividade inerente a juventude. Isso remete o conceito de *Habitus* de Bourdieu (2002), segundo o pensador o sujeito passa ao longo do seu processo social, várias experiências e sociabilizações que não são mutáveis e sim duráveis.

3.2.2 Levantamento de questões específicas de campo do consumidor

Gráfico 12- Como você conheceu a Feira Manaus Moderna.

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

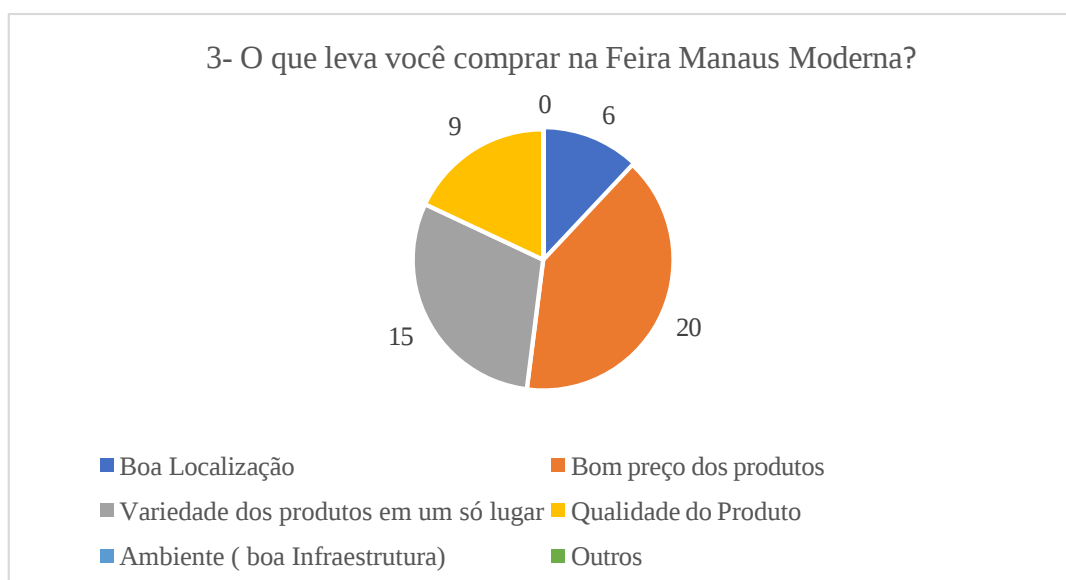
O Gráfico 12: A memória coletiva dos consumidores da Feira Manaus Moderna, é compreendida quando 52% destes entrevistados afirmaram que conhecem a feira desde de criança. Segundo Rodrigues (2018) apud Cruz (1989), configura que a memória de sujeito é compreendida pelo passado vivido, construída por acontecimentos marcantes da vida em um determinado grupo, onde estes passam a reproduzir uma identificação com esse determinado grupo.

Gráfico 13- Há quanto tempo você faz compras na Feira Manaus Moderna?

Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 13: Os resultados deste gráfico retratam 82% dos consumidores que frequentam a mais de seis anos a feira Manaus Moderna, neste contexto o “Fazer feira” está ligado a cultura dos povos da antiguidade á modernidade, segundo Santos (1994) a feira caracteriza a vida urbanizada que retrata a diversidade socioeconômica e cultural. A sociedade Amazonense com suas peculiaridades ao visitar a Feira da Manaus Moderna amplia o olhar e o paladar para rica gastronomia, como exemplo as iguarias (X-caboquinho, tapioca, Pupunha etc.). O fato da Feira Manaus Moderna está no centro histórico de Manaus oferece atividade de lazer, configurando a feira em espaço social para outras atividades culturais.

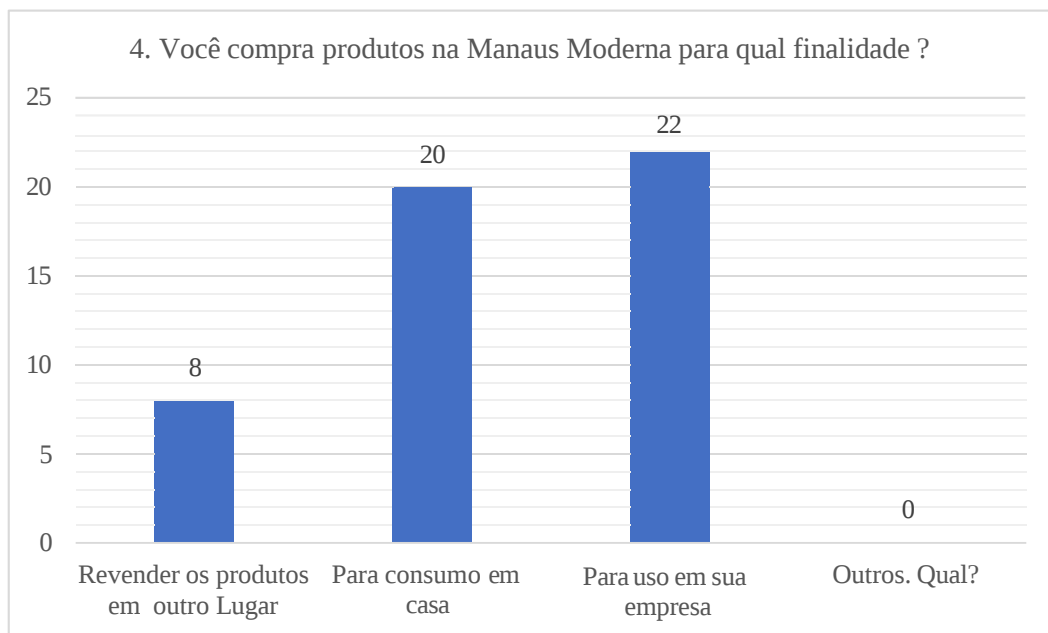
Gráfico 14- O que leva você comprar na Feira Manaus Moderna?



Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 14: O que leva o consumidor a comprar na Feira Manaus Moderna cerca de 40% buscam o preço e 30% escolhem este local pela variedade de produtos e 18% a qualidade. Neste item não foi surpresa o resultado, uma vez que a feira Manaus Moderna é um centro de referência de variedades, por se tratar da maior feira de abastecimento do estado do Amazonas. Entre outras atrativos já mensurados no Gráfico XIII, que contribui significativamente para tornar esse duradouro.

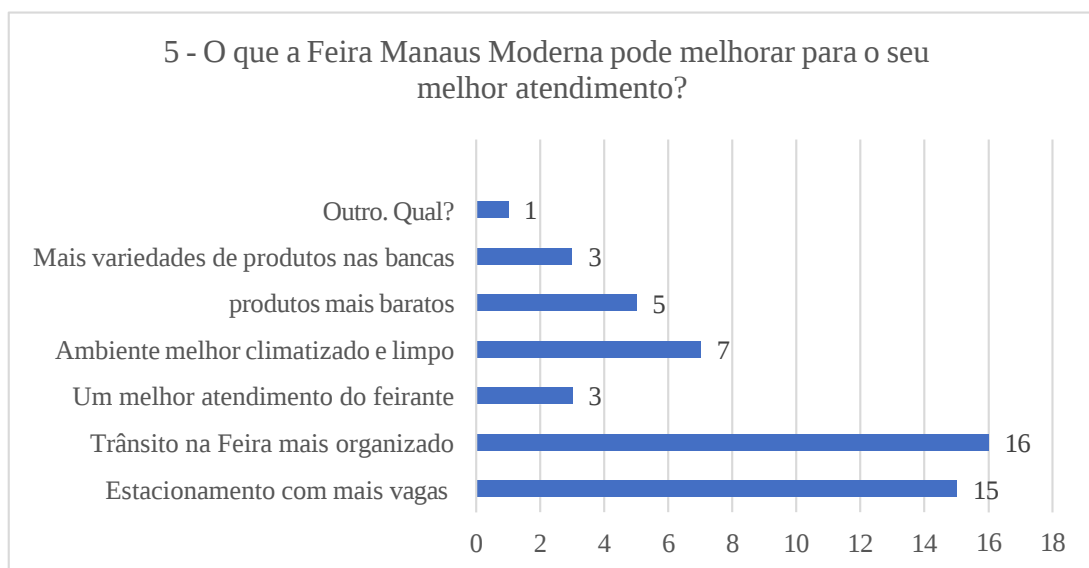
Gráfico 15- Você compra produtos na Feira Manaus Moderna para qual finalidade?



Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 15: O gráfico demonstra que 44% dos consumidores compram produtos na feira para consumo em suas empresas e 40% revelam que é para consumo próprio, 16% para revender os produtos em outros locais. Nessa configuração a Feira Manaus Moderna tem sua atividade comercial baseada por meio da venda atacadista e varejista, uma vez que são os consumidores que direcionam dentro do Marketing do varejo a forma de aquisição dos produtos. (Kotler 2002).

Gráfico 16-O que a feira Manaus Moderna pode melhorar para o seu melhor atendimento?



Fonte: Dados da Pesquisa/2019.

O Gráfico 16: O gráfico releva que 32% dos consumidores desejam um trânsito com mais organização e 30% deseja mais vagas de estacionamento e 14% responderam que um melhor ambiente climatizado e limpo, esses fatores colaboram para uma melhor qualidade do atendimento da feira Manaus Moderna. Segundo Departamento de Nacional de Trânsito – DENATRAN (2000), é necessário que exista um departamento na administração pública da Prefeitura, um setor responsável em assegurar e agilizar ação corretivas e eficazes para os problemas existentes do trânsito dentre outros fatores associados a esse fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da trajetória de produção dessa pesquisa, realizada com os atores sociais inseridos no contexto da Feira Coronel Jorge Teixeira conhecida popularmente como Manaus Moderna, dissertar sobre um local sagrado para a sociedade Amazonense é deveras desafiador, está indelevelmente atrelado a identidade e memória do povo Amazonida. É perceptível através dos resultados a complexidade das relações que se estabelecem na Feira Manaus Moderna e sua importância, no tocante a formação das redes de interdependência, pois é uma espécie de elo, cadeia ou teia, que entrelaça a todos tornando-os dependentes de forma direta e indireta uns dos outros.

Considerei como estratégia de abordagem me aproximar gradualmente dos sujeitos desta pesquisa, observando suas práticas diárias, estive pessoalmente junto a administração da Feira Moderna, buscando compreender a visão do poder público em relação ao presente e futuro dos trabalhadores da feira, o que corroborou para ampliar o olhar desta pesquisadora.

Durante a realização desse estudo, observei o quanto os traços culturais e identidade do Amazonense estão presentes na forma de vender e consumir na feira, como por exemplo: a maioria dos vendedores de pescado chama todos os consumidores de patrão/ patroa e para provar que o peixe está fresco, mostra a guelra/ovinha, o som do amolar das facas bem como a destreza ao ticar o peixe símbolo da culinária amazonense o jaraqui, inclusive há uma adágio popular “ quem come jaraqui não sai mais daqui”.

Identifiquei que ser feirante traz consigo a história familiar e a memória de diversos eventos ocorridos ao longo das atividades laborais. Estão presentes também grandes preocupações com relação ao futuro da feira, uma vez que o poder público não apresenta um planejamento para melhorias da infraestrutura no entorno da Feira Manaus Moderna, como por exemplo o estacionamento e segurança itens apontados na pesquisa. Através da etnográfica pude concluir que o papel da feira Manaus Moderna, vai de além da sua contribuição histórica, cultural e econômica, porém, são nítidos os impactos ambientais provocados pela mesma, através do lixo despachado pelos barcos que ancoram na feira e bem como os descartes procedentes da atividade comercial da feira.

Um das regiões vizinhas a feira Manaus Moderna é o bairro de educandos, que sofrem com o lixo despejado pelos moradores das casas tipo palafitas e resíduos sólidos trazidos por outros bairros bem como da feira da Panair e Manaus Moderna, agravada durante o período do inverno Amazônico.

Com o desenrolar dessa pesquisa constatei que atividade comercial da Feira Manaus Moderna tem três ciclos com características distintas. O primeiro inicia na Alta Madrugada que vai das (02h00 às 06h:00), neste horário é frequentado por prostitutas e os bares no final da feira ficam abertos promovendo a Bohemia noturno, paralelo a esse movimento os feirantes já iniciam suas atividades atendendo os micropequenos empresários. Nesse cenário que fica mais evidente o tráfico de drogas na feira e nas adjacências, isso impacta na questão da segurança dos consumidores que se dirigem a feira na alta madrugada para comprar.

O segundo ciclo simplesmente inicia das (06h:00 às 17h:00), nesse momento se destaca novas configurações comerciais, o perfil de consumidor que frequenta em sua maioria neste horário a feira já é o cliente final (varejo), o que permitindo ao feirante realizar permutas quanto a forma de comercialização dos produtos. Dentro dessas configurações os bares que funcionam a noite pela manhã em sua maioria viram restaurantes familiares.

O terceiro ciclo inicia das (17h00 às 02h:00), no processo de metamorfose da Feira Manaus Moderna, que demonstra o fechamento das atividades dos boxs e vendas dos restejos por parte dos feirantes a pequenos autônomos advindo de outros bairros, e a transformação dos restaurantes em bares, bem como a maioria das vendedoras de suco e de jogos de rifas se transformam em garotas de programas.

É importante no âmbito das pesquisas sociais promover um alertar a cerca das questões apuradas durante a realização desta pesquisa. É importante que o poder público reforce a aplicação de políticas pública com relação a segurança, a fiscalização do trânsito e até uma reestruturação das vias no entorno da feira Manaus Moderna. Em relação aos resíduos sólidos descartados na feiram, sugerimos um reaproveitamento através de uma rede de entidades ou organizações não governamentais para reaproveitamento. O que compete administração e associação dos feirantes da Feira Manaus Moderna, melhorias no ambiente interno da feira principalmente a questão da climatização e da higienização do local.

Ao dar início essas linhas finais fica a experiência de que a Feira Manaus Moderna, por todo seu valor histórico necessita de outros estudos com maior profundidade, no que tange as questões vitais se cercam de incertezas o seu futuro. Creio que consegui atingir os objetivos propostos neste estudo, bem como outras reflexões a cerca de um local que resgata identidade, memória de um povo Amazonense.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Bosco Ladislau de. **Compilação de projetos para disposição final de resíduos sólidos na Amazônia: 1996 – 2006**. Manaus, edição do autor, 2007.

_____, João Bosco Ladislau de. **Indicadores de Sustentabilidade aplicáveis à gestão e políticas públicas para os Resíduos Sólidos Industriais: Uma contribuição com foco no Polo Industrial de Manaus** (2012). Manaus: EDUA, 2014.

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. Recife: Sudene, 1979.

ANDRADE, Moacir Couto de. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Gráfica Santa Luzia, 2007

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho**. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set. 2011.

ARAÚJO, Maria Isabel. **AJURI: O Saber Tradicional dos Agricultores Familiares no Contexto Amazônico**. Disponível em :
file:///C:/Users/Acer/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MariaIsabeldeAra%C3%BAjo_PP_GSCA.pdf. Acesso em 11 de Novembro de 2019 às 16h09min.

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

BACKES, et. al. **Aproveitamento de Resíduos Sólidos Orgânicos na Alimentação Humana e Animal**. Revista da Fapese, v.3, n. 2, p. 17-24, jul./dez. 2007.

BAKER, Ângela Fiorese. **A gastronomia e sua integração com o turismo e a nutrição**. Brasília, 2003, 55p. Monografia – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação Social e Cultural**. Manaus. Ed. Valer 1999.

BENTES, Norma. **Manaus realidade e contrastes sociais**. Manaus: Ed. Valer, 2014.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica**. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção tendências em Educação Matemática), p. 101-114.

BORDIGNON, L. P.; BORDIGNON, S. M. S.; SOUZA, M. A.; SILVA, C. A. **Coleta de resíduos sólidos como fator de gestão ambiental e fonte de geração da renda para catadores: um estudo de caso na associação de catadores de Medianeira - Paraná**. Engenharia Ambiental, v.8, n.4, p.91-99, 2011. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/engenhariaambiental/include/getdoc.php?id=1836&article=753&mode=pdf>. Acesso em: 14. abr. 2018 às 14h15min.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **La distinction: critique social du jugement**. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual itinerário de um conceito**. Brasília: Talheres Gráficos, 2002.

_____, Pierre. **O poder do simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____, Pierre. **Trabalho e projetos; Esboço de uma teoria da prática; O campo científico**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2. Centauro, 2006.

BRILLART-SAVARIN, Jean-Anthelme. **Physiologie du goût**. Paris: Julliard, 1965. (littérature 24).

CACCIAMALI, M. C. . **Globalização e processo de informalidade. Economia e Sociedade**, n. 14, jun. 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade** . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

_____, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CASTEL, R. A **Discriminação Negativa – Cidadãos ou Autóctones?** Petrópolis: Vozes,1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: arte de fazer**. 4ª Edição, Petrópolis-RJ, Vozes,1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, Marilene. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e Desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação. Vol. 16, n. 002. Braga: Universidade do Minho, 2003.

COÊLHO, J. D. **Feiras Livres de Cascavel e de Ocara: Caracterização, Análise da Renda e das Formas de Governança dos Feirantes**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

CORREIA, M.; RONCADA, M. J. **Características microscópicas de queijos prato e mussarela e mineiro comercializados em feiras livres da cidade de São Paulo**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 296- 301, jun. 1997.

COUTINHO, Edilma Pinto et al. **Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectiva**. In: CONGRESSO DA SOBER, 44, 2006, Fortaleza. Anais. . . Fortaleza: Sober, 2006. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/663.pdf>; acesso em 04 de fevereiro de 2018 às 15h33min.

DIAS, Edneia Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto, Manaus 1890 – 1920**. Editora Valer, 1999.

DOUGLAS M. **Natural Symbols**. London: Routledge; 2003.

ELIAS, Norbert **A condição humana**. Lisboa: Difel Difusão editorial. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil 1990.

_____, Norbert. **A sociedade do Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora, 1994a.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1939.

_____, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 75, 1980.

ESCOBAR, A. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 133-168.

FERRETTI, Sérgio (Org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre Feiras e Mercados**. São Luis: Edições UFMA/PROIN, 2000.

FILGUEIRAS, Beatriz (2006). **Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte**. (Dissertação) Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FILHO, Raimundo Pereira Pontes. **Logospirataria na Amazônia**. Editora Chiado, 2017.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995, 421p.

FORMAN, Shepard. **Camponeses: Sua Participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: Que é?. Recife: Massangana**, 1982.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAESBAERT, Rogério C. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafo da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo:2006.

HALL, Stuart. Da diáspora. **Identidades e mediações culturais**. Belo horizonte e Brasília: Editora UFMG/Unesco no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2004.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

IBGE.Censo Demográfico 2010. **Características Gerais dos indígenas**. Resultados do Universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IPEA e DIEESE. **Informalidade e o Movimento Sindical: uma agenda para o século XXI**. Publicação de estudos, 2008. Disponível em <http://www.dieese.org.br/>. Acesso em 08 de abril de 2018.

INSTITUTO ECONÔMICO DE PESQUISA APLICADA e DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. A LACLAU, Ernesto. **Inclusão, exclusão e a construção de identidades**. In: AMARAL JR, Aécio; BURITY, Joanildo (Orgs.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectiva pós-estruturalista de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEAL, Maria Leonor de Macedo Soares. **A História da Gastronomia**. Rio de Janeiro: SENAC, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MACEDO, A.R. **Produção de lixo no Brasil aumentou em 60 mil toneladas desde 2007**. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/Meio-ambiente/444229-producao-de-lixo-no-Brasilaumentou-em-60-mil-toneladas-desde-2007.html>. Acesso em 09 de maio de 2018 às 18h21min.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTÍN-BARBERO. Jesús. **A comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto: 2014.

MARTÍN-BARBERO. Jesús.. **Dos meios às mediações: comunicação. cultura e hegemonia I** Jesús Martín-Barbero; Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MARTINS, I. S. **Impasses sociais e políticos em relação à reforma agrária e à agricultura familiar no Brasil.** In: Seminário Internacional Sobre Dilemas e Perspectivas para o Desenvolvimento Regional no Brasil com Ênfase Agrícola e Rural na Primeira Década do Século XXI , 1., Anais... Santiago do Chile: FAO, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MATOS, Gláucio Campos. **Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica.** 2015. Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA).

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2012-(Dicionários Michaelis).

MINNAERT & FREITAS. Ana Cláudia e Maria do Carmo. **Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA).** Artigo apresentado a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). 2008.

MONTEIRO, J. H. P. [et al.]. **Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos.** Rio de Janeiro: IBAM, 2001. 200p.

MOTT, Luiz. **Feira e mercados: pistas para pesquisa de campo.** In: FERRETTI, Sérgio (org.). Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados. São Luís; Ed. UFMAPROIN-CS, 2000.

NASCIMENTO, G. C. C. **Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal.** In: CANANÉA, F. A. *Sentidos de leitura: sociedade e educação.* João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.]

NODA, Sandra do Nascimento. **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

NORONHA, Evelyn Lauria. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da**

Sociologia da Infância. 2010. 365f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

OLIVEIRA, Hebe M. Gonçalves de. **Meios de Expressão Popular.** In: GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). Noções básicas de folkcomunicação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso.** Manaus: Valer, EDUA, 2003.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925.** 2. ed. Manaus: EDUA, 2003.

PIRES, A.M.M.; Mattiazzo, M.E. **Circular técnica: Avaliação da viabilidade do uso de resíduos na agricultura.** EMBRAPA. Jaguariúna, SP, 2008.

PIRES, Fernando Dias. **Por que é básica a pesquisa básica?.** Revista **Cadernos de Saúde Pública**, pág. 505, Rio de Janeiro, 1987.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. **O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares.** Rev. Nutr., Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, Sept. 2003. Available from . Acesso em 12 de maio de 2018.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social identidade: uma abordagem antropológica.** Universidade da Beira Interior – Covilhã Portugal. Disponível em: www.ubimuseum.ubi.pt. Acesso em 20 de setembro de 2018

SALAZAR, João Pinheiro. **O novo proletariado industrial de Manaus e as transformações possíveis.** São Paulo: USP, 1992.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia.** EDITORA : BEST SELLER, ED. 11ª. São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado - fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2010.

SCHLÜLER, Regina G. **Gastronomia e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

SILVA, Patrícia Rodrigues. **“Viver é Lembrar: Memórias e Significados das Transformações Urbanas em Manaus**. X Encontro Nacional de História Oral: Testemunhos, História e Política. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 26- 30 de abril de 2010.

_____, Patrícia Rodrigues. **Da Feira da Banana à Feira Manaus Moderna: Conflito e trabalho na cidade de Manaus/AM**. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TIC/A/Patr%EDcia%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf>. Acesso: 04 de fevereiro de 2018.

_____, Patrícia Rodrigues. **Disputando espaço construindo sentidos: vivências trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/Am -1967 – 2010)**. Manaus: Ed. EDUA, 2016.

SILVA, Paula Pinto e. **Farinha, feijão e carne-seca: um tripé culinário no Brasil colonial**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel. **A cidade vista através do porto: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA)**. (Dissertação) Mestrado em Ciências Sociais. Belém: UFPA, 2006.

SOLOMON, Michael R. **O Comportamento do Consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 7ª. Edição. Porto Alegre: Bookman, 2008.

STERNBERG, Hilgard. **A água e o homem na várzea do Careiro**. 2. ed. Belém(PA): Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

SUFRAMA, Superintendencia da Zona Franca de Manaus. Disponível em: <http://site.suframa.gov.br/>. Acesso em 11 de Novembro de 2019, às 16h32 min.

TAVEIRA, Valeria Cristina Barbosa. **O servente de pedreiro e a exclusão social nas relações de Trabalho: Análise sócio jurídica**. Disponível em: http://www.trt24.jus.br/arq/download/biblioteca/24opinioao/o_servente_de_pedreiro_e_a_exclusao_social_nas_relacoes_de_trabalho. Acesso em : 16 de Novembro de 2019, às 18h15min.

TERRA, Paulo Cruz. **Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiros e carroceiros no rio de janeiro(1824-1870)**. Niterói: UFF, 2007. Dissertação(Mestrado em história). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense.

TORRES, Iraildes Caldas. **Noção de Trabalho e Trabalhadores na Amazônia**. Coimbra, 2004. Anais do VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/IraildesTorres.pdf>. Acesso em 03 de março de 2018.

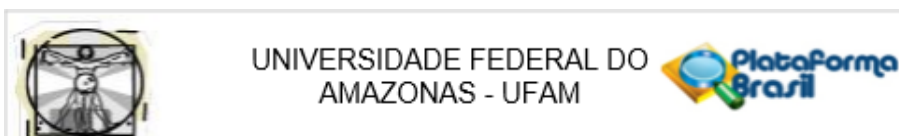
TSUGUMI, Neide Yoko, **Inclusão social no mercado de trabalho e hospitalidade**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: SENAC, 2001.

WHITELEY, Richard C. **Empresa Totalmente Voltada para o cliente: Do Planejamento à Ação**. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Aprovação do comitê de ética



Continuação do Parecer: 3.691.265

Folha de Rosto: adequado

Riscos: inadequado

Benefícios: adequado

Orçamento: adequado

Cronograma: adequado

Critérios de exclusão: Adequados

Critérios de inclusão: adequados

Instrumentos da Pesquisa: adequado

Termo de Anuência: adequado

TCLE: adequado

Curriculum lattes: adequado

Recomendações:

O pesquisador somente poderá iniciar a coleta de dados (pesquisa de campo), após análise e aprovação pelo CEP

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

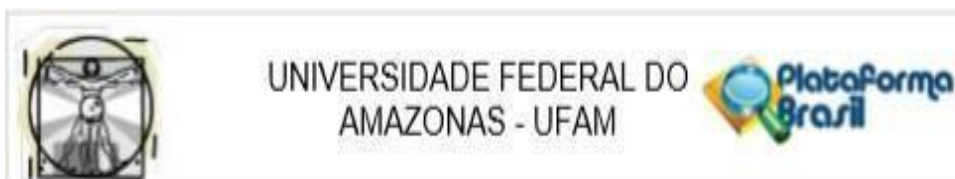
Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012.

É o parecer

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1430898.pdf	31/10/2019 13:08:09		Aceito
Outros	CRITERIOS_DE_INCLUSO_E_EXCLUSAO_PARECER_3665331.pdf	31/10/2019 13:06:01	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DO_PROJETO_PARECER_3665331.pdf	31/10/2019 13:05:41	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_PARECER_3665331.pdf	31/10/2019 13:05:15	MARIA ALANA RODRIGUES JULIAO	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	14/09/2019 23:54:02	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito



Continuação do Parecer: 3.691.265

Outros	ROTEIRO_DE_OBSERVACAO.pdf	14/09/2019 23:53:32	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/09/2019 23:42:18	MARIA ALANA RODRIGUES JULIAO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_PROJETO.pdf	14/09/2019 23:33:29	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA.pdf	14/09/2019 22:33:51	MARIA ALANA RODRIGUES JULIAO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PARA_PESQUIS A.pdf	14/09/2019 22:30:55	MARIA ALANA RODRIGUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 07 de Novembro de 2019

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

APÊNDICE B: Roteiro de Observação

FORMULÁRIO - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	
Instituição:	
Local:	
Data da visita: / /	
Instrumentos utilizados: () Máquina fotográfica () Filmadora	
PONTOS A SEREM ANALISADOS:	
	Quantidade Valor unitário (R\$)
Total	
Em que situação/estado está atualmente a feira?	
Qual a relação do objeto estudo com o entorno (variáveis)?	
Que detalhes construtivos que os agentes utilizam para atender as particularidades dos indivíduos que contribuem para a constituição da feira?	
Que técnicas primárias (Culturais) se observa empregadas no cotidiano da Feira?	

APÊNDICE C: Formulário de entrevista – Feirante

FORMULÁRIO - ROTEIRO DE ENTREVISTA - FEIRANTE			
PESQUISA: Feira Manaus Moderna: Identidade, Memória e Redes de Interdependência. Orientador: Prof. João Bosco Ladislau Andrade Pesquisadora: Maria Alana Rodrigues Julião Formulário nº Data Local Profissão:			
1. IDENTIFICAÇÃO			
1.1 Sexo: Feminino () Masculino ()			
1.2 Idade: 18 a 30 anos () 30 a 45 anos () 45 a 60 anos () Mais de 60 anos 1.3			
Estado Civil: solteiro() casado () união estável () separado () viúvo ()			
1.4 Escolaridade: alfabetizado () não alfabetizado () Ensino Fundamental completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Médio incompleto () Superior Completo () Pós-Graduação Completa			
1.5 Se você é de outra cidade?			
() Sim, Quanto tempo em Manaus? _____			
() Não , sou de outra cidade.			
1.6 Se você de outra cidade. Qual o motivo da sua migração para Manaus?			
Em busca de trabalho () Em busca de escolarização () Acompanhar a família () Visitar parentes e resolveu ficar () Tratamento de saúde () Outros			
Instrumentos utilizados: () Máquina fotográfica () Filmadora () Gravador de Voz			
PERGUNTAS ESPECIFICAS			
1. Há quanto tempo você trabalha na Feira Manaus Moderna? () De 1 á 3anos () De 4 á 6 anos () De 6 anos á mais			
2. O que levou você a trabalhar na Feira Manaus Moderna? () Falta oportunidade no mercado formal (CLT). () Montar o próprio negócio. () Negócio de família. () Falta de profissionalização adequada para o mercado de trabalho. () Outros. Quais? _____			
3. Quem são seus clientes? () pequenos empresários de Manaus(Donos de mercados, bares, restaurantes etc.) () pequenos empresários do interior (Donos de mercados, bares, restaurantes etc.) () consumidor final (pessoas que compam para consumo próprio ou da família.)			

4. Quais são os seus principais fornecedores ou parceiros? De qual local eles são?
5. Quais são as dificuldades estruturais que você enfrenta ao trabalhar na Feira Manaus Moderna? ☐ Poucas vagas de Estacionamento. ☐ Falta de Limpeza adequada. ☐ Segurança ineficiente. ☐ Falta de organização do Transito aos arredores da feira e do porto. ☐ Outros. Quais? _____
6. Quais são suas expectativas para o futuro em relação a Feira Manaus Moderna?
7. Como você considera seus ganhos na feira? ☐ Bons ☐ Excelentes ☐ Razoáveis ☐ Ruins

APÊNDICE D: Formulário de entrevista – Consumidor

FORMULÁRIO - ROTEIRO DE ENTREVISTA - CONSUMIDOR			
PESQUISA: Feira Manaus Moderna: Identidade, Memória e Redes de Interdependência. Orientador: Prof. João Bosco Ladislau Andrade Pesquisadora: Maria Alana Rodrigues Julião Formulário nº Data Local Profissão:			
1. IDENTIFICAÇÃO 1.1 Sexo: Feminino () Masculino () 1.2 Idade: 18 a 30 anos () 30 a 45 anos () 45 a 60 anos () Mais de 60 anos 1.3 Estado Civil: solteiro() casado () união estável () separado () viúvo () 1.4 Escolaridade: alfabetizado () não alfabetizado () Ensino Fundamental completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Médio incompleto () Superior Completo () Pós-Graduação Completa 1.5 Qual sua renda mensal? () De 1 Salário mínimo () Entre 2 á 3 salários mínimo () Mais de 3 salários mínimos.			
Instrumentos utilizados: () Máquina fotográfica () Filmadora () Gravador de Voz			
PERGUNTAS ESPECIFICAS			
1. Como você conheceu a feira Manaus Moderna? () Desde criança () Por meio de amigos () Por de familiares () Por meio do trabalho () Não lembro () Outros. Qual? _____			
2. Há quanto tempo você faz compras na Feira Manaus Moderna? () De 1 á 3anos () De 4 á 6 anos () De 6 anos á mais			
3. O que leva você a comprar na Feira Manaus Moderna? () Boa Localização. () Bom preço dos produtos (Negociação do preço e forma de pagamento). () Variedade dos produtos em um só lugar. () Qualidade dos produtos (produto Fresco). () O Ambiente (boa infraestrutura). () Outro. Qual? _____			

4. Você compra produtos na Manaus Moderna para qual finalidade?

- ☐ Revender os produtos em outro lugar.
- ☐ Para consumo em casa.
- ☐ Para uso em sua empresa (restaurante, bar, cozinha industrial, buffet etc.)
- ☐ Outro. Qual? _____

5. O que a feira Manaus Moderna pode melhorar para o seu melhor atendimento?

- ☐ Estacionamento com mais vagas.
- ☐ Trânsito na feira mais organizado.
- ☐ Um melhor atendimento do Feirante.
- ☐ Ambiente melhor climatizado e limpo.
- ☐ Produtos mais baratos.
- ☐ Mais variedades de produtos nas bancas.

APÊNDICE E: Termo de Livre Esclarecimento- TCLE



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa para identificar os processos socioculturais e econômicos na Feira Manaus Moderna e sua contribuição para o Amazonas, no tocante à identidade, memória e redes de interdependência existentes no local, sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Alana Rodrigues Julião a qual pretende identificar os processos socioculturais e econômicos que envolvem a Feira Manaus Moderna, os trabalhadores da mesma e sua contribuição para o Amazonas, no tocante à identidade, memória e redes de interdependência.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa incluía exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a afirmação da importância do feirante como principal contribuinte e responsável pela manutenção e resistência da feira Manaus Moderna, para o desenvolvimento sócio econômico e cultural do Amazonas. Neste sentido, por meio de suas respostas e opiniões estará ajudando a sensibilizar docentes, acadêmicos e população em geral, bem como os feirantes que fazem parte do processo indenitário da feira, quanto ao fenômeno cultura que ele representa para Amazônia.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor João Bosco Ladislau Andrade no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 99128-6406 e pelo e-mail boscoladislau@mandic.com.br ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

_____, Data: ____/____/____

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

Assinatura da Pesquisadora Responsável